

O BOLSONARISMO MATA

O assassinato de Marcelo Arruda por um apoiador do presidente da República mostra a escalada inédita da violência política no Brasil. Oposição prega a paz e apela às autoridades para assegurar o processo eleitoral

Arte: Nathalie Nascimento

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 18 de Julho de 2022 Nº 67

Lula: "Nossa arma é a nossa tranquilidade"
O ódio mobiliza as bases do Palácio do Planalto
A ameaça militar às eleições alarma o mundo
A fome na periferia de São Paulo é assustadora
Os 50 anos do disco 'Pink Moon', de Nick Drake



Marco Aurélio Garcia (1941-2017)
5 anos depois, presente! agora e sempre

Vida e obra do MAG

20 de julho, quarta 19h

Com a participação de:
Dilma Rousseff
Breno Altman
Valter Pomar

FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores
ELAHP Escola Latino-americana de História e Política

Ao vivo em  [youtube.com/elahp](https://www.youtube.com/elahp)  [facebook.com/elahp.com.br](https://www.facebook.com/elahp.com.br)

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

WEBSÉRIE

PERI É PERIFERIA FERIA

ASSISTA AGORA NO  [/FUNDACAOPERSEUABRAMO](https://www.youtube.com/fundacaoperseuabramo)

ESTREIA SEMANAL DOS 8 EPISÓDIOS NAS QUARTAS-FEIRAS ÀS 15:00

FRIEDRICH EBERT STIFTUNG BRASIL
FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores
Redes Sociais

AS CAMPANHAS PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998

EXPOSIÇÃO VIRTUAL

PT 42 ANOS
a retomada da esperança

POLÍTICO E CULTURAL

CONSTRUÇÃO DA SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

PT 42 ANOS
A RETOMADA DA ESPERANÇA

ACESSE EM [fpabramo.org.br/pt42anos](https://www.fpabramo.org.br/pt42anos)

NESTA EDIÇÃO

LULA DEFENDE A PAZ NA POLÍTICA PARA MUDAR O PAÍS

Ricardo Stuckert



De passagem por Brasília, o ex-presidente mobiliza a militância e diz que a melhor resposta à violência é pregar o amor, dialogar pela paz e lutar para reconstruir o país dilacerado pelo governo do ódio propagado por Bolsonaro.

Página 17

EDITORIAL. Ódio, violência e o golpe bolsonarista. A saída é a eleição de Lula

Página 4

CRIME POLÍTICO. A morte de Marcelo Arruda é o resultado do ódio político

Página 6

PERFIL. Quem era o líder petista e sindical vítima do ódio gerado pelo fascismo

Página 9

ESCALADA. Desde 2016, país vive clima de confronto político direto

Página 10

REPERCUSSÃO. Mídia estrangeira alardeia tensão nas eleições presidenciais

Páginas 12 e 13

OPINIÃO. Líder do PT diz que eleição está em risco e é preciso ambiente de paz

Página 14

PESQUISA. A economia é o principal problema para a reeleição de Jair Bolsonaro

Página 15

APOIO. A cantora Anitta anuncia que vai votar em Lula no primeiro turno

Página 19

AGRICULTURA. Debate discute novos rumos para a política agrícola nacional

Página 20

ESTUPRO. O caso do anestesista que abusava sexualmente durante parto

Página 22

FOME. Na periferia de São Paulo, supermercados vendem pele de frango

Página 24

PETROBRÁS. Ato em Brasília sai em defesa das estatais e da soberania

Página 25

CONFISSÃO. John Bolton admite que tramou golpes de estado em outros países

Página 26

MUJICA. Ex-presidente comenta o novo momento da América Latina

Página 27

HISTÓRIA. Lula: novo piso do magistério e o Estatuto da Igualdade Racial

Páginas 28 e 29

MÚSICA. Os 50 anos do clássico 'Pink Moon', do cantor folk Nick Drake

Página 30

CINEMA. 'A Trama' remonta a perseguição a Lula e o golpe contra o povo

Página 32

ARTIGO. Frei Betto ensina como fazer a diferença na campanha presidencial

Página 34



ÓDIO, VIOLÊNCIA E O GOLPE BOLSONARISTA

Aloizio Mercadante

A conclusão açodada da Polícia Civil do Paraná de que o assassinato do companheiro Marcelo Arruda, militante histórico e ex-candidato a vice-prefeito de Foz de Iguaçu pelo PT, não teve motivação política desconsidera a ação deliberada de Bolsonaro de disseminar um discurso do ódio contra adversários políticos. Desprezar que um militante do PT foi morto por um bolsonarista fanático, aos brados de “aqui é Bolsonaro”, durante a invasão de uma festa familiar privada, cujo tema era o PT e o presidente Lula, é negar a realidade dos fatos.

Ainda que tente se descolar do caso, é evidente que Bolso-

naro tem responsabilidade política pelo assassinato de Marcelo Arruda, como também tem pelas bombas caseiras arremessadas contra nossa militância no Rio de Janeiro e pelo drone que lançou agrotóxico sobre mulheres, crianças e idosos, que participavam de uma concentração popular com Lula em Uberlândia. É Bolsonaro quem estimula os fanáticos dele a praticarem atos de agressão. É Bolsonaro quem faz declarações como “vamos fuzilar a petralhada”, “um tiro só mata todo mundo”, “uma granadinha só mata todo mundo”, “sabemos o que temos que fazer antes das eleições”, fomentando ódio e violência política.

O desprezo de Bolsonaro contra adversários políticos é tanto que ele sequer se sensibilizou ou prestou solidariedade aos pais, à

esposa ou aos filhos de Marcelo Arruda. Ainda comparou a tragédia de Foz de Iguaçu com o caso Adélio e tentou se livrar da responsabilidade política do crime com uma ligação para os irmãos de Arruda, na qual chamou os familiares para uma coletiva de imprensa para “mostrar o que aconteceu”.

Diante desse flagrante estímulo ao ódio e à violência, é inacreditável que ainda há quem tente igualar o extremismo autoritário de Bolsonaro aos valores democráticos defendidos por Lula. Nas cinco vezes em que Lula foi candidato a presidente, jamais ocorreram casos de agressões ou de violência contra nossos adversários, especialmente com o PSDB, contra quem o PT disputou as eleições presidenciais anteriores. A relação entre os can-

didatos sempre foi de respeito, os resultados das urnas sempre foram reconhecidos e a democracia sempre esteve presente como valor inegociável de todo o processo. E é por isso que Lula e Alckimin estão juntos, depois de terem disputado as eleições presidenciais em 2006.

Mas, não é só. Bolsonaro segue flertando com o golpismo e com o projeto Capitólio, com o ataque permanente à nossa democracia e ao nosso sistema eleitoral, sob a convivência envergonhada de parte das Forças Armadas, com um comando cada vez mais desgastado e subjogado pelo bolsonarismo.

Na semana passada, em audiência no Congresso Nacional, o ministro da Defesa aventou a possibilidade de inserção de um "código malicioso" nas urnas eletrônicas e apresentou uma proposta de votação paralela com cédulas de papel no dia das eleições. Uma aventura eleitoral, proposta por uma instituição sem nenhuma experiência ou cultura eleitoral e que jamais havia se manifestado sobre este tema ao longo de todas as eleições democráticas anteriores.

O que o general esqueceu de dizer é que o código fonte do sistema eletrônico pode ser inspecionado pelas entidades fiscalizadoras desde outubro de 2021. Sobre a proposta do voto impresso paralelo, esqueceu de explicitar que qualquer pessoa interessada em tumultuar o processo eleitoral pode simplesmente votar em um candidato na urna eletrônica e em outro na cédula de papel para gerar uma divergência na contagem de votos dessa suposta auditoria.

Ao mesmo tempo, a aprovação da ilegal PEC do Desespero dá a possibilidade, a menos de 80 dias das eleições, de Bolsonaro ampliar e criar benefícios sociais até o final do ano. É uma clara manobra eleitoreira do governo para tentar reverter a péssima imagem que tem junto aos mais pobres.

Além de criar um desequilíbrio na disputa eleitoral, essa PEC de

LULA EMERGE COMO A FORÇA CAPAZ DE RECONSTRUIR O ESTADO, AS INSTITUIÇÕES, O DIÁLOGO E O TECIDO SOCIAL, DERROTANDO BOLSONARO

R\$ 41 bilhões, que afronta toda a legislação eleitoral, somada ao passivo formado com a limitação do pagamento de precatórios em 2022, desonerações e outras despesas fiscais deste ano, irá gerar um impacto fiscal da ordem de R\$ 330,8 bilhões no próximo ano.

Ademais, deixa uma distorção completa na forma como está sendo distribuído o Auxílio Brasil. Temos 3,7 milhões de pessoas adultas, e predominantemen-

te homens, que recebem R\$ 600. No entanto, há mães com seis filhos que recebem o mesmo valor, o que dá a medida do erro estrutural desse programa eleitoral e improvisado.

Não deixa de ser curioso que Bolsonaro, o principal responsável por uma multidão de 33 milhões de famintos e o único parlamentar a ter votado "com orgulho" contra a criação do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza, comemore, agora, nas vésperas das eleições, a possibilidade de ampliação de programa sociais, que o PT sempre defendeu. Na ocasião da votação do fundo, Bolsonaro defendeu como política de combate à fome o controle de natalidade da população pobre e disse que os pobres que recebem o Bolsa Família tornavam-se "eleitores de cabresto".

Nesse contexto, Lula emerge como a grande força capaz de reconstruir o Estado, as instituições democráticas, o diálogo e o tecido social, derrotando Bolsonaro. Não é aceitável qualquer tipo de tutela à Justiça Eleitoral. Da mesma forma, não é admissível o avanço dos atos de violência na disputa eleitoral. O bolsonarismo mata e precisa ser combatido e derrotado pela união de todos os democratas do país.

Sem cair em provocações e arrastando multidões, Lula segue liderando um amplo movimento em defesa da nossa democracia, da nossa soberania, da justiça social e de paz nas eleições. Lula, que em breve será o presidente mais votado da história da humanidade, será também o grande arquiteto reconstrutor de um Brasil devastado por Bolsonaro e a política dele de ódio, de violência e de mentiras. •



O ATAQUE DO MILITANTE DO ÓDIO
Guaranho invade a festa de Marcelo Arruda de arma em punho e atirando no aniversariante. Baleado, o petista revidou o ataque e feriu o bolsonarista

O ódio bolsonarista

Atordado, o país assiste à escalada violenta dos partidários do presidente Jair Bolsonaro. Em plena festa de aniversário, o tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu, Marcelo Arruda, é assassinado a tiros por um agente penitenciário federal. O “cidadão de bem” Jorge Guaranho gritou “mito” e “aqui é Bolsonaro” ao invadir o encontro familiar do petista portando uma arma. A polícia descarta crime por motivação política, mas dirigentes do PT insistem em federalizar as investigações. E a campanha nem começou...

No Brasil de Jair Bolsonaro, ninguém está a salvo. Quando não é a política econômica que amplia a desigualdade, promove o desemprego em massa e espalha a fome, é o ódio bolsonarista que deixa suas marcas furiosas na democracia. E mata. Na madrugada de domingo, 9, o guarda municipal Marcelo Arruda comemorava seu aniversário de 50 anos com familiares na cidade de Foz do Iguaçu (PT). Dirigente do PT, ele

brindava a passagem dos anos com uma festa em homenagem ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No bolo, nas bandeirolas, na toalha petista, tudo brindava a campanha presidencial de Lula.

A festa terminou em tragédia. O agente penitenciário federal Jorge José da Rocha Guaranho apareceu sem ser convidado no sábado à noite na festa de Marcelo Arruda e disparou contra o aniversariante, matando-o. Testemunhas disseram que Guaranho atirou em Arruda depois de gri-

tar: “mito” e “aqui é Bolsonaro”. Ferido, Marcelo Arruda revidou e feriu o agressor, que agora está internado, em estado grave.

O incidente chocou o Brasil, enquanto políticos se preocupam com os riscos de violência envolvendo apoiadores de Bolsonaro contra petistas e militantes de esquerda que apoiam o ex-presidente da República, líder em todas as pesquisas de opinião. Lula lamentou o episódio, pregou paz e tolerância, mas não deixou de denunciar que Bolsonaro semeia



VÍTIMA DA BRUTALIDADE Ainda durante a festa que evocou a admiração por Lula, Marcelo Arruda brindou e comemorou o aniversário. No enterro, amigos não se conformavam com a truculência do criminoso e a banalidade

ódio e rancor em sua pregação política, seja contra mulheres, gays, estudantes, militantes de esquerda ou negros.

“Estão tentando fazer das campanhas eleitorais uma guerra. Estão tentando colocar medo na sociedade brasileira. Estão querendo dizer que tem uma polarização criminosa. E é interessante, porque o PT polariza nas campanhas para presidente desde 1994, e você não tinha sinal de violência”, discursou Lula, durante sua passagem por Brasília na terça-feira, 12.

Lula diz que a hora é de calma e tranquilidade, mas que a tentativa de intimidação precisa ser rechaçada imediatamente. “Nós não precisamos brigar”, disse. “A nossa arma é nossa tranquilidade, a nossa arma é o amor que temos dentro nós, nossa arma é a sede que temos de melhorar a vida do povo brasileiro”. Segundo o ex-presidente, não se pode aceitar provocação. “É essa lição de moral que nós temos que dar”, pediu, sugerindo que as pessoas passem a andar com um livro. “É a resposta que a gente vai dar ao presidente que está incentivando as pessoas a comprar armas”.

Ainda na segunda-feira, 11, os partidos que integram o movimento Vamos Juntos pelo Brasil decidiram entrar, com uma representação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e pedir a federali-

zação da investigação sobre o assassinato de Marcelo Arruda. “Um crime político não pode ser tratado como briga de vizinhos”, disse a presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann.

Os presidentes dos partidos repudiaram a violência política e defenderam ampla mobilização de instituições e partidos comprometidos com a democracia. A preocupação é com a a escalada da violência que precisa ser contida de forma a garantir uma disputa civilizada na campanha política. Os dirigentes também fizeram

**DARCI FRIGO,
PRESIDENTE DO
CNDH: “O QUE
ACONTECEU EM FOZ
DO IGUAÇU NÃO É
UM CASO ISOLADO,
FOI INCENTIVADO
PELA RETÓRICA DO
PRESIDENTE”**

um minuto de silêncio em memória de Marcelo.

Bolsonaro tem um histórico de truculência e seus apoiadores estão por trás de uma série de ataques recentes que culminaram no último fim de semana com o assassinato do tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu. O ataque ocorreu apenas dois dias depois que outro apoiador de Bolsonaro jogou um dispositivo caseiro grosseiro contendo fezes na multidão em um comício de campanha de Lula no Rio de Janeiro.

Em outro incidente no estado de Minas Gerais, três semanas antes, um drone derrubou o que foi relatado como esgoto bruto em uma reunião pró-Lula. Em março de 2018, antes de ser preso injustamente por ordem de Sergio Moro, Lula foi vítima de um ataque no Paraná. A caravana do ex-presidente foi alvo de um atentado em 27 de março. Dois dos três ônibus da comitiva foram atingidos por disparos de armas de fogo, entre Quedas do Iguaçu e Laranjeiras do Sul, no Paraná. Lula estava no terceiro ônibus, que não foi alvejado. Um dos ônibus, onde estavam jornalistas brasileiros e estrangeiros, foi atingido por dois disparos de armas de baixo calibre. O outro veículo, alvo de um disparo, transportava convidados do PT. Não houve feridos.

Os ataques estão de acordo



Reprodução

A COVARDIA DO PRESIDENTE

A reação de Jair Bolsonaro ao assassinato do líder petista Marcelo Arruda, covardemente atacado por um dos apoiadores do presidente, em Foz do Iguaçu (PR), mostra sua covardia. Bolsonaro só se manifestou sobre o episódio quase 24 horas depois do crime. E o fez com dois objetivos: fingir que não tem relação com o fato e posar de vítima.

No domingo, 10, Bolsonaro publicou no Twitter a reprodução de uma mensagem de quatro anos atrás, que se inicia com a cínica frase: "Dispensamos qualquer tipo de apoio de quem pratica violência contra opositores". O atual presidente ainda mencionou "caluniadores que agem como urubus para tentar nos prejudicar 24 horas por dia". Pior: tentou relacionar atos violentos à oposição.

O assassino, Jorge José da Rocha Guaranho, é um dos que ouvem, admiram e seguem o que o atual presidente diz. A ponto de postar, orgulhoso, nas redes sociais, foto ao lado de um dos filhos do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (SP). Mesmo assim, Bolsonaro tenta se afastar do crime. •

PRECEDENTE Em março de 2018, a caravana de Lula foi alvo de tiros no Paraná. Na ocasião, ninguém assumiu autoria e houve quem comemorasse

com uma polarização na política brasileira que ganhou velocidade em 2016 com o impeachment de Dilma Rousseff, e a prisão de Lula dois anos depois por crimes de corrupção - condenações anuladas em 2019 após a os promotores foram encontrados para ter conspirado com o juiz que depois se tornaria ministro da Justiça de Bolsonaro.

"Esse grupo de extrema-direita, muitos dos quais, incluindo o presidente, têm ideias fascistas, não quer reconhecer as instituições e as regras do jogo estabelecidas", denuncia Darci Frigo, presidente do Conselho Nacional de Direitos Humanos do Brasil. "Bolsonaro tomou a decisão de eliminar a esquerda e permitiu que seus apoiadores usem a violência para fazer isso, dividir e odiar. O que aconteceu em Foz do Iguaçu não é um caso isolado, foi incentivado pela retórica do presidente".

Bolsonaro está atrás de Lula por dois dígitos na maioria das pesquisas e a perspectiva de derrota está por trás de grande parte de sua linguagem inflamatória, disseram especialistas. A beligerância é antiga. Ela já defendeu posições criminosas para a eliminação ou incitação à violência contra gays, mulheres e afro-bra-

sileiros e, na maioria das vezes, contra a esquerda. Em 2018, em plena campanha eleitoral, fingia atirar e disse a uma multidão no estado do Acre que queria "metralhar" os esquerdistas e "expulsá-los" do estado.

Sua retórica não abrandou no cargo e seus números decepcionantes nas pesquisas estão levando-o a adotar posições cada vez mais extremas, destinadas a energizar sua base dura e assustar ativistas da oposição nas ruas. A avaliação de é Felipe Borba, coordenador de um *think tank* sobre violência política da Unirio, em entrevista ao jornal inglês *The Guardian*.

"O uso da violência contra rivais é estimulado como parte de uma estratégia eleitoral... especialmente pelo presidente Jair Bolsonaro contra os apoiadores do ex-presidente Lula", diz Borba. "Ele também está fazendo isso para desviar o foco dos problemas reais do país", listando o aumento da miséria, da fome, da pobreza e das mazelas sociais. Borba disse que o aumento da violência ocorre no início do que se espera que sejam alguns meses tensos de campanha, não apenas para o presidente, mas também para o Congresso e os 27 governos estaduais. •

JJR Guaranho @jorgeguaranho · Jun 22, 2021
Obrigado pelo apoio @BolsonaroSP



SURPRESA Guaranho com Bolsonaro

QUEM ERA MARCELO ARRUDA

Tesoureiro do partido e guarda municipal em Foz do Iguaçu, petista é lembrado como “lutador incansável” de causas sociais e trabalhistas. Ele chegou a concorrer na última eleição ao cargo de vice-prefeito do município. Deixa esposa e quatro filhos

Marcelo Aloizio de Arruda tinha acabado de completar 50 anos de idade quando, na própria festa de aniversário, foi assassinado a tiros pelo agente penitenciário federal Jorge Guarinho, em Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná, na madrugada de domingo. Arruda era guarda municipal de Foz do Iguaçu há pelo menos 28 anos. Ele compunha a primeira turma da corporação, segundo a prefeitura municipal. Marcelo deixou a esposa, a policial civil Pamela Suellen Silva, e quatro filhos, sendo um ainda bebê.

Ele nasceu na favela e começou a trabalhar como engraxate. O interesse político e pelas questões sociais nasceram daí. Desde cedo, porém, soube conviver com as diferenças e tinha amigos das mais variadas ideologias. Como ex-militar e guarda, convivia e se dava bem com muitas pessoas mais à direita, incluindo bolsonaristas.

Ele era diretor-executivo do Sindicato dos Servidores Municipais de Foz do Iguaçu (Sismufi). A organização sindical, em nota de pesar, lembrou do seu dirigente como um “lutador incansável pelas causas dos servidores municipais”, alguém para quem “não tinha tempo ruim” e que estava “sempre disposto e aguerrido nas lutas”.

Marcelo era filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e tinha um cargo importante de gestão na legenda, sen-



do o tesoureiro, responsável pela prestação de contas. Ele chegou a se candidatar a vice-prefeito de Foz do Iguaçu nas eleições de 2020, na chapa com Luiz Henrique Dias da Silva (PT).

A disputa, entretanto, foi encerrada com a vitória da chapa encabeçada por Chico Brasileiro (PSD), atual prefeito do município. Em nota, o administrador agradeceu ao ex-adversário “seus anos de funcionalismo público” e pela

defesa da cidade e dos servidores municipais durante o tempo em que militou como dirigente sindical e político.

“Marcelo era um agente da segurança pública, guarda municipal que zelava pelo patrimônio e a vida das pessoas. Também era dirigente sindical e lutava pelos direitos das pessoas e um mundo mais justo”, descreveu nas redes sociais o presidente do PT no Paraná, o deputado estadual Arilson Chiorato. •



A MANDO DE QUEM? Assassinada há quatro anos, Marielle Franco foi a vítima mais rumorosa da violência política, mas caso segue sem solução

É GRAVE A ESCALADA DA VIOLÊNCIA POLÍTICA

Especialistas detectam aumento de 23% no número de casos, no primeiro semestre de 2022, em comparação com pleito de 2020. Os eventos têm como alvo a oposição

O assassinato de Marcelo Arruda é o mais recente episódio da escalada de violência política que o presidente Jair Bolsonaro sempre incentivou em sua carreira pública, que começou com um plano para explodir o gasômetro do Rio, em 1988. A extrema direita vem semeando o ódio e cometendo sucessivamente ameaças, agressões, assassinatos e atentados contra a oposição.

Desde 2016, quando veio a deposição de Dilma Rousseff da Presidência da República por um impeachment fraudulento, os episódios de violência contra opositores e líderes de esquerda têm crescido assustadoramente.

O relatório "Violência Política

e Eleitoral no Brasil, elaborado pela Terra de Direitos e Justiça Global, mapeou 327 casos de violência política entre 1º de janeiro de 2016 e 1º de setembro de 2020. Foram registrados 125 assassinatos e atentados, 85 ameaças, 33 agressões, 59 ofensas, 21 invasões e quatro casos de prisão ou tentativa de detenção de agentes políticos, pré-candidatos, candidatos ou eleitos.

De acordo com o Observatório, o número de casos de violência neste primeiro semestre superou os registrados no mesmo período das eleições municipais de 2020. Já são 214 casos ante 174 há dois anos, um aumento de 23%. Os episódios se sucede-

ram de maneira tão rápida, que foram quase naturalizados.

O mais rumoroso ocorreu há quatro anos. A vereadora do PSOL Marielle Franco foi morta a tiros na Região Central do Rio, em 14 de março de 2018. Duas semanas depois, tiros foram disparados contra a caravana de Lula no Paraná. Depois, durante a campanha eleitoral, em 3 de setembro, Bolsonaro é flagrado estimulando a morte de adversários: "Vamos fuzilar a petralhada", disse, em Rio Branco (AC).

Em 7 de outubro de 2018, no dia do primeiro turno das eleições, bolsonaritas atropelam o cineasta Guilherme Daldin, em Curitiba. E a cantora trans Juliana Iguazu é agredida na cabeça. Pelo menos 50 casos de violência foram registrados nos dez dias anteriores em todo o país, segundo levantamento da Agência Pública e Open Knowledge.

No dia seguinte, em 8 de outubro, um bolsonarista assassinou com 12 facadas o capoeirista Mestre Moa do Katendê em Salvador. Dois dias depois, em 10 de outubro, dez bolsonaristas armados atacam a Casa do Estudante na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Em 28 de novembro de 2019, um apoiador do presidente Jair Bolsonaro assassina um idoso a socos e pontapés em Balneário Camboriú (SC), por divergência política.

No domingo, em nota divulgada depois do assassinato de Marcelo Arruda, o PT divulgou nota cobrando das autoridades de segurança pública medidas efetivas de prevenção e combate à violência política. "Alertamos ao Tribunal Superior Eleitoral e ao Supremo Tribunal Federal para que coíbam firmemente toda e qualquer situação que alimente um clima de disputa violenta fora dos marcos da democracia e da civilidade", destacou. •

GENERAL MOURÃO MINIMIZA

Vice-presidente da República, o general Hamilton Mourão (Republicanos) fez pouco caso do crime que chocou o Brasil e o mundo na última semana. Ele declarou que não via conotação política na morte do guarda municipal e tesoureiro do PT, Marcelo Arruda, ocorrido no último dia 9. E minimizou: casos como esse “ocorrem todo final de semana”.

“Olha, é um evento lamentável que ocorre todo final de semana em todas as cidades do Brasil, de gente que provavelmente bebe e aí extravasa as coisas”, disse o general. “Todos [eram] da área policial, ali. Um era guarda municipal e outro era agente penal. Vejo de uma forma lamentável isso aí”.

O general disse não ver o ocorrido com preocupação em relação à polarização política no país. “Não é preocupante isso, não! Não queira fazer exploração política disso aí. Vou repetir o que eu estou dizendo e nós vamos fechar esse caixão, tá? Pra mim, é um evento desses lamentáveis que ocorre todo final de semana nas nossas cidades, de gente que briga e termina indo para o caminho de um matar o outro”, completou.

Mourão ecoou as primeiras reações de Jair Bolsonaro. O ex-capitão do Exército afirmou que não apoia atos de violência e rebateu associações de seu nome ao caso. “O que eu tenho a ver com esse episódio de Foz Iguaçu? Nada”, disse, no Palácio do Planalto. •

ASSASSINATO CHOCA O PAÍS

Crime com marca do bolsonarismo ensandecido é condenado por autoridades e representantes dos movimentos sociais

A morte de Marcelo Arruda, assassinado por motivo torpe pelo agente penitenciário federal Jorge da Rocha Guaranho, recebeu o repúdio das autoridades das principais instituições da República. O presidente do Senado Federal, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), condenou o episódio: “é a materialização da intolerância política que permeia o Brasil atual e nos mostra, da pior forma possível, como é viver na barbárie”.

O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), divulgou nota, pedindo respeito à democracia e à garantia da defesa de posições partidárias. “A campanha eleitoral está apenas começando. Conclamo a todos pela paz para fazer nossas escolhas políticas e votar nos projetos que acreditamos. Esta é a premissa de uma democracia plena e sólida, como a nossa”, disse.

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), também condenou o assassinato. “A intolerância, a violência e o ódio são inimigos da democracia e do desenvolvimento do Brasil”, destacou. “O respeito à livre escolha de cada um dos mais de 150 milhões de eleitores é sagrado e deve ser defendido por todas as autoridades no âmbito dos Três Poderes”. Moraes assume em agosto a presidência do Tribunal Superior Eleitoral.

Para o presidente da Ordem dos

Advogados do Brasil, Beto Simonetti, o episódio de Foz do Iguaçu reforça a necessidade de unidade das instituições, inclusive dos partidos, em torno da civilidade. “Cabe aos líderes políticos darem exemplos de paz e tolerância para que o ambiente eleitoral seja pacífico, alinhado aos pilares da democracia e nos conduza às soluções de que a sociedade precisa”, conclamou.

Dom Walmor Oliveira de Azevedo, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ressaltou a “insanidade que transforma uma festa de aniversário, momento de alegria e fraternidade, em cenário de violência e morte”. Suas palavras foram duras: “Para que o país se torne mais justo, solidário e fraterno, todos precisam se unir a partir do compromisso com a paz. Não importa qual seja a convicção política, o partido, as diferenças. Precisamos do diálogo e a cultura do encontro, na luta pela justiça e pela paz”.

Em nota oficial, dirigentes da Associação Brasileira dos Juristas pela Democracia (ABJD) ressaltam que o homicídio foi motivado por ódio político, e “faz parte de uma série de ocorrências nos últimos dias que mostram a escalada da violência”. A nota enumera os ataques ocorridos contra atos públicos de apoio a Luiz Inácio Lula da Silva e o ataque ao carro do juiz federal Renato Borelli, responsável pela prisão do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro. •



POLÍCIA DESCARTA CRIME POLÍTICO

A Polícia Civil do Paraná concluiu que o homicídio do tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT) Marcelo Arruda não pode ser considerado um crime de ódio, motivado por uma briga política. Segundo o boletim de ocorrência do crime, testemunhas disseram aos policiais que Guarinho chegou ao local, decorado com as cores do PT e imagens de Lula, gritando “aqui é Bolsonaro”. O assassino será indiciado por homicídio duplamente qualificado, pelo motivo torpe e por causar perigo comum a terceiros. Ele segue internado em estado grave.

A presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, reagiu com indignação às conclusões do inquérito: “As provas que a própria polícia recolheu mostram que o assassino foi até a festa de Marcelo de caso pensado, para agredir e ofender exclusivamente por motivação política”, afirmou.

Na coletiva à imprensa, na sexta, 15, a Polícia Civil informou que o agente penitenciário foi até a festa para provocar a vítima e que houve uma discussão em razão de divergências políticas. Mas que não há provas de que, quando Guarinho retornou ao local, ele queria cometer um crime de ódio.

“O que temos é a alegação da mulher dele dizendo que ele voltaria porque disse ter sido humilhado. Então é difícil falar que ele matou por um crime de ódio, pelo fato de a vítima ser petista. Ele voltou pela escalada de ódio”, afirmou a delegada chefe da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa, Camila Cecconello. •

REPERCUSSÃO NA GRINGA

A imprensa mundial destaca que a morte de petista é prenúncio de uma campanha eleitoral tensa e “um mau presságio” para a disputa que tem Lula como líder

Assim como no episódio da morte da vereadora Marielle Franco (Psol), a morte de Marcelo Arruda teve forte repercussão internacional, com a mídia estrangeira acompanhando os desdobramentos e prevendo uma disputa eleitoral tensa.

O caso vem sendo amplamente repercutido desde domingo, em função principalmente dos despachos das agências internacionais de notícias. A Reuters destacou a morte do dirigente do PT no Paraná classificando o episódio como um “mau presságio” sobre o que ocorrerá no Brasil durante a campanha eleitoral. O despacho da agência foi replicado em 6.250 veículos noticiosos de todo o mundo.

A Associated Press relata que o assassinato de um dirigente do Partido dos Trabalhadores por um apoiador de Bolsonaro “está levantando temores de uma campanha cada vez mais violenta antes das eleições altamente polarizadas de outubro no Brasil”.

O diário espanhol *El País* apontou: “Líder do PT brasileiro é morto a tiros pelas mãos de um policial bolsonarista”. A agência France

Presse distribuiu despacho, para reprodução em jornais como *Le Figaro*, lembrando que “o presidente de extrema direita Jair Bolsonaro facilitou o acesso a armas desde que chegou ao poder”.

O jornal português *Diário de Notícias* lembrou que o apoiador de Bolsonaro invadiu a festa para matar o aniversariante lulista. E O lusitano *Público* seguiu a mesma linha. Jornais argentinos como *Clarín*, *La Nación* e *Página 12*, noticiaram o crime com destaque. Também argentino, o site *Crônica* escreveu que Guarinho entrou no aniversário de Arruda “gritando a favor de Jair Bolsonaro” para matar o petista.

O *Hoy Paraguay*, do país vizinho à cidade Foz do Iguaçu, reportou a morte e frisou que autoridades salientaram o perfil bolsonarista do criminoso. A rede de TV venezuelana *TeleSur* também informou sobre a tragédia, salientando o clima de crescente violência por parte dos bolsonaristas.

No Canadá, o *La Presse* destacou a profissão da vítima e do agressor, ambos da área de segurança pública, e o perfil violento e extremista do bolsonarista Jorge Guarinho nas redes sociais. •

BLOOMBERG ALERTA PARA AMEAÇAS À DEMOCRACIA

Em longo texto analítico, a agência de notícias destaca que os militares em torno de Bolsonaro se mobilizam e podem desencadear um movimento para perturbar as eleições de outubro

Reportagem da Bloomberg, distribuída na última semana e reproduzida na quinta-feira, 14, pelo diário estadunidense *Washington Post*, um dos mais influentes do mundo, destaca o clima de incerteza que ronda as eleições presidenciais no Brasil: Missão militar ameaça a democracia do Brasil.

A análise é de Clara Ferreira Marques que alerta que, desde o fim da ditadura militar no Brasil, há quase quatro décadas, generais não tinham tanta influência política. “Entre oficiais da ativa e da reserva, eles policiam a Amazônia e os zonas quentes urbanas, ocupam cargos executivos em empresas estatais, estenderam seus cargos no governo federal e até ajudaram a administrar um número crescente de escolas”, relata.

“Agora, as Forças Armadas entraram no espinhoso debate sobre a votação eletrônica e planejam ajudar a supervisionar a eleição presidencial de outubro. Em uma democracia, é um passo longe demais”, aponta. “Mesmo para os padrões de um país que varreu os excessos repressivos dos anos 1960 e 1970 para debaixo do tapete, o presidente tem sido um torcedor das Forças Armadas”.

A articulista aponta que, apesar de todas as ambições golpistas do presidente, um golpe nos moldes do ataque de 6 de janeiro ao Capitólio dos EUA permanece improvável. “Especialmente se, como sugerem pesquisas, o ex-presidente de esquerda Luiz Inácio Lula da Silva vencer por ampla

margem”, escreve.

“Existem outras possibilidades tóxicas, digamos, um surto de violência que resulte em soldados sendo chamados para restaurar a ordem. Eventos isolados como o assassinato de um ativista pró-Lula neste fim de semana por um apoiador de Bolsonaro são bons motivos para alarme”, adverte.

“A ameaça de longo prazo muito mais grave à democracia, no entanto, é menos dramática e já real: o grande número de oficiais atuais e antigos em todos os tipos de funções civis, uma presença que promove a deferência às capacidades supostamente superiores dos militares e corrói o controle dos civis. Isso inclui o rastejamento da missão eleitoral”, destaca.

Ela diz que militares há meses amplificam as alegações de Bolsonaro de fraude eleitoral. “Nunca tendo feito isso antes, as Forças Armadas começaram a levantar questões sobre o processo de votação eletrônica a partir do final de 2021 e agora apresentaram dezenas de consultas, além de sugestões de mudanças”, observa.

“As tendências autoritárias indistintas de Bolsonaro não oferecem nenhuma garantia. Ele procurou reabilitar a ditadura militar, rotulou um torturador como um ‘herói nacional’, disse que só Deus o removerá do cargo e semeou conversas infundadas sobre uma ‘sala secreta’ para contagem de votos – enquanto permite que seus filhos tuitem memes de Stalin sugerindo que a esquerda vai manipular as eleições”, escreve. •

The Americas | Trump of the tropics

Might Jair Bolsonaro try to steal Brazil's election?

Ahead of a vote in October, the president has cast doubt on the whole process



ECONOMIST: ELE PODE TENTAR UM GOLPE

Reportagem publicada na revista britânica *The Economist*, que circula desde sexta-feira, 15, questiona se “Bolsonaro pode tentar roubar a eleição no Brasil”. Chamando o chefe do Executivo de “Trump dos trópicos”, a semanal inglesa lembra que o presidente americano não aceitou sua derrota, o que culminou na invasão do Capitólio por parte de seus apoiadores.

E lembra que o mandatário brasileiro disse, à época, que “sem voto impresso, vamos ter problema pior que dos Estados Unidos”. A revista é alarmista sobre as intenções do líder da extrema-direita brasileira.

“Ele pode tentar um golpe. Nos Estados Unidos, ninguém pensou que o Exército iria tentar apoiar a tentativa de golpe de Donald Trump. No Brasil, algumas pessoas não têm certeza do que altos escalões militares poderiam fazer”, diz.

Segundo a revista, “Bolsonaro está em apuros” e não pode mais alegar que é um outsider na política ou um presidente que acabou com a corrupção para vencer as eleições deste ano. O texto ainda aponta que ele está em desvantagem “seguindo as regras” e, por isso “tenta reescrevê-las”.

A *Economist* ainda lembra dos ataques de Bolsonaro e seus apoiadores às urnas eletrônicas e as fake news espalhadas por eles. Para a revista, a derrota é quase certa e ele deveria “jogar limpo” na disputa eleitoral. •

ELEIÇÕES SEM VIOLÊNCIA

Somente entre janeiro de 2020 e fevereiro de 2021 foram registrados 69 casos de violência praticada por bolsonaristas contra cidadãos, líderes de movimentos sociais e militantes

Reginaldo Lopes

Diante da escalada da violência política no país, estimulada por Jair Bolsonaro, as instituições que prezam a democracia e a



vida têm que reagir para conter as hordas de fanáticos seguidores do presidente. No dia 13, os partidos de oposição – PT, PCdoB, PSOL, PSB, PV, Rede e Solidariedade – instaram o futuro presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes, a promover uma campanha sobre eleições sem violência.

Foram apresentados ao ministro um relatório sobre a violência instigada por Bolsonaro e a sugestão de medidas para contê-la, além de uma representação contra o ex-capitão por discursos de ódio durante a campanha eleitoral. A ação pede à Corte Eleitoral que obrigue Bolsonaro a parar com declarações de incitação à violência sob pena de multa diária de R\$ 1 milhão. A representação pede também que o presidente seja obrigado a condenar o assassinato de Marcelo Arruda.

A decisão de apresentar as petições ao TSE, assim como foi feito junto à Procuradoria Geral da República, foi motivada pelo assas-

sinato do tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT) em Foz do Iguaçu (PR), Marcelo Arruda, morto covardemente por um fanático bolsonarista durante sua festa de aniversário.

Os documentos da oposição relatam e evidenciam uma série

de crimes, delitos e atos violentos cometidos contra atores que se opõem ao governo militar de Bolsonaro e têm a única intenção de evitar que novas tragédias ocorram.

Ainda em 2018, antes mesmo da eleição de Bolsonaro, mortes, agressões e ameaças feitas por bolsonaristas e milicianos contra petistas e militantes de esquerda já eram registradas. Naquele ano, foram assassinados Marielle Franco e Anderson Gomes e o mestre de capoeira Moa do Kattendê, morto a facadas por dizer que apoiava Fernando Haddad, do PT. Desde então os atos de violência se multiplicaram.

Somente entre janeiro de 2020 e fevereiro de 2021 foram registrados 69 casos de violência praticada por bolsonaristas contra cidadãos, líderes de movimentos sociais e políticos, segundo um memorial elaborado pelo PT e entidades. Mais recentemente, os assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips

chocaram o Brasil e o restante do mundo. O juiz federal que deu a ordem de prisão do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro no caso que apura corrupção e propinas no MEC também foi atacado por bolsonarista.

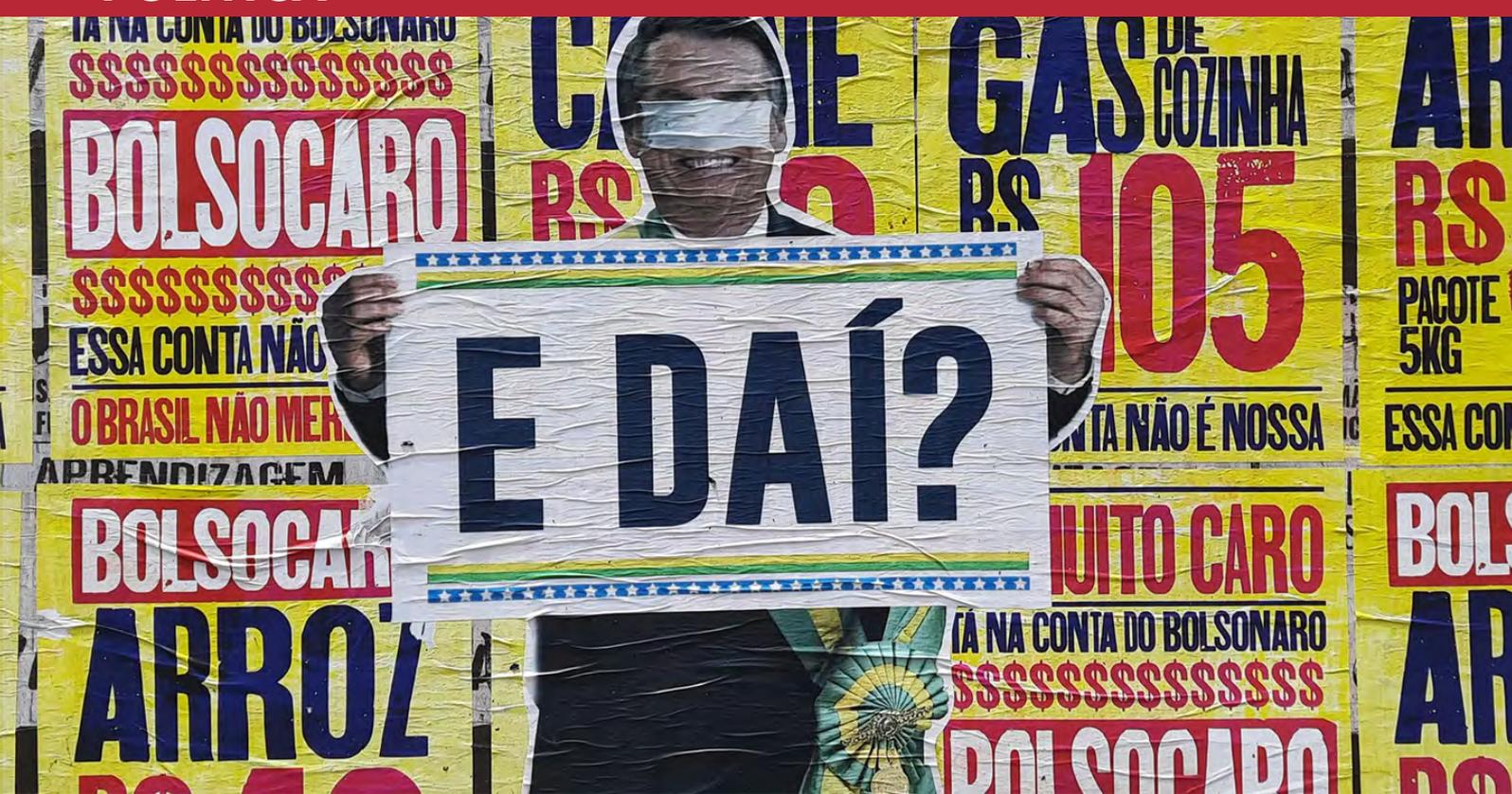
A oposição solicitou ainda que a Justiça Eleitoral suspenda o porte de armas no dia da eleição, como parte de um conjunto de medidas eficazes para conter e combater violência política. Paz e liberdade não combinam com armas, ao contrário do que diz o capitão presidente. Eleições e armas também não combinam.

O dia da eleição é de celebração da democracia, uma data em que os eleitores e eleitoras não podem ser ameaçados e coagidos. O voto é livre, o povo brasileiro tem o direito de expressar sua opinião sem o espectro do armamentismo bárbaro alimentado pelo atual presidente da República.

É preciso adotar medidas administrativas cabíveis para a garantia de paz e segurança nas urnas e ao longo do processo eleitoral, bem como resguardar a integridade de eleitoras, eleitores, colaboradores da Justiça Eleitoral, autoridades públicas, candidatas e candidatos. Em pleno século 21, devemos dizer não a candidatos defensores da violência e de projetos ditatoriais. •

Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder do PT na Câmara dos Deputados.

POLÍTICA



O ANTIBOLSONARISMO

É na piora do cenário econômico que reside a grande rejeição à possibilidade de reeleição do presidente. Em todas as pesquisas, o índice de aversão ao modo como o governo conduz a economia ultrapassa a marca dos 55%

Matheus Tancredo Toledo

As mais recentes pesquisas de opinião divulgadas demonstram que a rejeição ao presidente Jair Bolsonaro segue alta e não dá sinais de diminuir ao ponto de elevar o teto eleitoral do candidato, como demonstramos no último artigo, publicado na edição 66 da revista Focus Brasil. Nesta semana, trazemos dados que dão elementos para entender no que consiste esse 'anti-bolsonarismo'.

Se compararmos o patamar de rejeição eleitoral do atual presidente – o total de eleitores que

dizem que não votariam em Bolsonaro de jeito nenhum – com outros indicadores, é possível reforçar algo que o Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo vem apontando: a economia é a grande impulsionadora dessa rejeição.

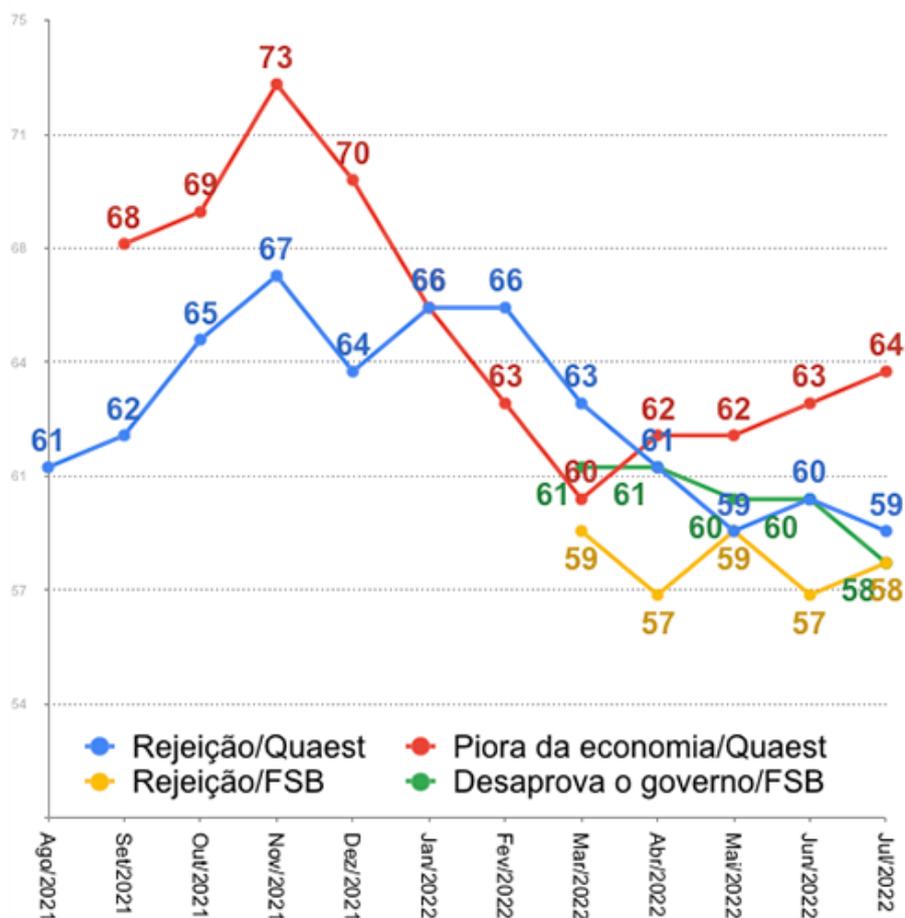
É possível notar que os patamares de percepção de piora na economia brasileira e os de rejeição ao presidente sempre se aproximaram de acordo com a série histórica do instituto Quaest, que realiza suas pesquisas via metodologia presencial em parceria com a Genial Investimentos.

Na última rodada, 59% dos

eleitores reprovam Bolsonaro e 64% veem a economia no caminho errado. A Quaest também demonstra que 54% dos brasileiros deixaram de pagar alguma conta no último período, e que para 59% a situação econômica influencia muito no voto.

Na pesquisa mais recente da FSB, realizada por meio de coleta telefônica, em parceria com o banco BTG Pactual, o número dos que rejeitam o atual presidente é o mesmo dos que veem piora econômica no país: 58%. Ainda, o instituto demonstra que o número também é igual ao total de eleitores que desaprovam a maneira a qual Bolsonaro governa o país.

Rejeição a Bolsonaro vs. forma de governar



A mesma pesquisa FSB/BTG, a mais recente divulgada entre as que o Noppe acompanha, traz elementos semelhantes aos demonstrados na semana passada. A piora no poder de compra causado pela inflação compõe uma das grandes insatisfações dos brasileiros com a economia.

Segundo o instituto, 94% dos eleitores consideram que houve aumento nos preços nos últimos três meses, sendo que 83% consideram que os preços de produtos e serviços “aumentaram muito”.

Houve uma queda na expectativa de piora da inflação no próximo trimestre, de 65% para 54%, além de 17% que esperam manutenção. A soma dos que não votariam de jeito algum em Bolsonaro, segundo o instituto, permanece no mesmo patamar desde março deste ano, quando se iniciou a série. Em janeiro eram 59%, hoje são 58%.

No momento atual, é possível dizer que, se as eleições

presidenciais fossem hoje, o antibolsonarismo, impulsionado pela crise econômica, decidiria a eleição. O governo federal, ao se deparar com isso – apesar do presidente e dos bolsonaristas dizerem que não acreditam em pesquisas –, tenta uma possível última cartada na esfera econômica: a PEC do Desespero.

Com uma série de aumentos nos benefícios sociais e criação de novos programas, por meio da liberação extraordinária de orçamento às vésperas da eleição, o presidente tenta convencer a população de que seu governo pode promover algum bem-estar para os brasileiros. É uma tentativa derradeira do presidente de pedir ao país que esqueça seu comportamento e o do governo nos outros três anos e sete meses de mandato. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

QUAEST: LULA À FRENTE NO RIO

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) já lidera a corrida presidencial no estado do Rio, de acordo com o último levantamento do instituto Quaest, realizado em parceria com a Genial. A pesquisa foi divulgada na quinta, 14, e mostra que o petista cresceu 4 pontos percentuais. Lula tem 39% das intenções de voto, enquanto Jair Bolsonaro está com 34%.

Na sequência, vem o candidato Ciro Gomes (PDT) com 6%. A senadora Simone Tebet (MDB) e o deputado André Janones (Avante) aparecem empatados com 2%. Os demais pré-candidatos têm 1% ou menos. Indecisos, nulos e brancos são 4%. Entre os entrevistados, 11% disseram que não pretendem votar.

Na pesquisa anterior, em maio, Lula e Bolsonaro estavam empatados com 35%. Entre as mulheres, Lula tem ampla vantagem sobre Bolsonaro: são 41% contra 28%. O cenário se inverte entre os homens. Bolsonaro aparece na frente, mas dentro da margem de erro: são 41% a 38%.

Os mais pobres, com renda familiar de até 2 salários mínimos, preferem Lula: são 47% contra 28% do rival. Em famílias com renda entre 2 e 5 salários, Bolsonaro fica com 38% e Lula, 36%. Entre os que ganham mais de 5 salários, 37% optam por Bolsonaro e 34%, Lula. O petista também tem a preferência dos mais jovens, com 49% contra 27%. O mesmo entre mais de 60 anos: Lula ganha por 40% a 30% no Estado. Nas outras faixas etárias, há empate técnico. •



SEMEANDO ESPERANÇA O ex-presidente defendeu a paz na política e exortou petistas a evitarem confronto

LULA PREGA A TOLERÂNCIA

De passagem por Brasília, o ex-presidente lamenta a morte de Marcelo Arruda e pede que ninguém caia na armadilha bolsonarista: “Nossa arma é a sede de melhorar a vida do povo”

No primeiro ato público do qual participou após o assassinato do líder petista Marcelo Arruda, vítima de intolerância política praticada por um bolsonarista, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um apelo para que a sociedade brasileira diga não às armas e à violência e se empenhe na reconstrução do país. Ele pregou a tolerância, pediu paz e destacou que ninguém pode se deixar levar pela armadilha bolsonarista.

Discursando para uma multidão no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília, na terça-feira, ele lembrou que participa de campanhas eleitorais desde 1982, sem nunca ter

estimulado atos de violência, mesmo quando foi derrotado.

“Eu voltava para casa cada vez que era derrotado, lamentava ter perdido e me preparava para outras. Nunca, em nenhum momento, falei de violência”, disse. Ele rechaçou as comparações entre apoiadores do movimento Vamos Juntos pelo Brasil e o “fanatismo” de bolsonaristas.

“Se o Bolsonaro quiser visitar as pessoas pelas quais ele é responsável pela morte, ele vai ter que ter muita viagem, porque ele não chorou uma lágrima por 700 mil vítimas da Covid”, criticou. “Ele nunca se preocupou em visitar uma criança órfã, e são muitas, em visitar uma viúva, em visitar um marido que perdeu a mulher”.

O ex-presidente alertou que a militância petista não pode se deixar levar pelas provocações de adversários. “É isso que nós temos que fazer nestes próximos três meses. Nós vamos nos multiplicar na rua, vamos continuar fazendo nossas passeatas, nossos atos públicos, mas nós vamos ter de dar uma lição de moral, que nem o Gandhi deu quando saiu em caminhada para libertar a Índia da Inglaterra”, lembrou. “Nós não precisamos brigar”.

O ato em Brasília foi aberto pela presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), que pediu aos presentes para fazer um minuto de silêncio em homenagem a Marcelo Arruda e outras vítimas

da violência política, como Marielle Franco, Anderson Gomes, Moa do Katendê, Bruno Pereira e Dom Phillips.

“Eles lutavam pelo amor ao Brasil, pela esperança do povo brasileiro, e é por isso que estamos aqui, com coragem para seguir em frente, porque ninguém vai colocar medo em nós. Nós não vamos baixar a cabeça e não vamos nos dobrar ao ódio porque o que tem aqui é amor, é esperança, é solidariedade, e é isso que nós queremos para o Brasil”, afirmou Gleisi.

Líder do movimento Vamos Juntos pelo Brasil, o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), disse que o país precisa virar a página. “Quando uma pessoa invade uma festa de aniversário e mata outro por intolerância política; quando com drone jogam veneno sobre o povo; quando atiram bomba na multidão, como foi no Rio de Janeiro, o Brasil precisa mudar. Não é possível continuar este estado de coisas. Não à ditadura, não ao ódio, sim à paz, sim ao amor”, defendeu.

Representando a Rede, um dos partidos que compõem o Movimento Vamos Juntos Pelo Brasil, juntamente com PT, PCdoB, PV, PSB, Psol e Solidariedade, o senador Randolfe Rodrigues (AP) lembrou que a polarização em outros processos eleitorais ocorria em ambientes com mais civilidade.

“Vamos deixar claro o que era polarização. Ocorreu após a Constituição de 1988 quando as disputas políticas tinham dois lados que respeitavam a democracia. Ocorreu em 2006, quando Alckmin disputou a presidência com o presidente Lula. Os dois disputaram, um saiu vitorioso e eu lembro a declaração do governador naquele dia: na democracia um ganha para governar, outro perde para fazer oposição”, declarou o senador. •

Ricardo Stuckert



ARTICULAÇÃO Acompanhado de Alckmin, Lula reuniu-se com parlamentares

ENCONTRO COM RODRIGO PACHECO

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontrou na quarta-feira, 13, com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). O almoço, que marcou a primeira reunião entre os dois, aconteceu na Residência Oficial do Senado, em Brasília (DF).

Além de Lula e Pacheco, estiveram presentes o ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o líder da minoria no Senado, senador Jean Paul Prates (PT-RN), o líder do PT no Senado, senador Paulo Rocha (PT-PA), o líder da oposição no Senado, senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), a

presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR) e o ex-senador e ex-ministro Aloizio Mercadante, coordenador do programa de governo do Movimento Vamos Juntos Pelo Brasil.

Os senadores Paulo Paim (PT-RS), Alexandre Silveira (PSD-MG), Fabiano Contarato (PT-ES), Jaques Wagner (PT-BA), Humberto Costa (PT-PE), Rogério Carvalho (PT-SE), Dário Berger (MDB-SC), Nilda Gondim (MDB-PB), Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB) e Zenaide Maia (PROS-RN), também participaram do encontro. •

A VOLTA DE LULA NO 'FINANCIAL TIMES'

O jornal inglês Financial Times publicou, na segunda-feira, uma longa reportagem a partir de entrevista exclusiva com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na seção “The Big Read” (A grande leitura). Com o título “Lula, do Brasil, sobre as perspectivas de um retorno extraordinário”, o jornal traz uma análise da trajetória do Brasil.

Lula destaca “três palavras mágicas no governo”: credibilidade, previsibilidade e estabilidade. O líder político acrescenta que está mais experiente e com uma vontade

de muito maior de acertar.

Ele também falou sobre a importância de ter feito bons mandatos entre 2003 e 2010. “Eu sabia que se chegasse à Presidência do Brasil e meu governo não desse certo, um trabalhador nunca mais poderia pensar em ser presidente”, afirmou.

Diz a reportagem: “Depois de ser libertado em 2019 (...), Lula está agora à beira de uma segunda chance impressionante. De acordo com as pesquisas de opinião, o homem de 76 anos, que continua sendo um ícone da esquerda latino-americana, é um forte favorito para reconquistar a presidência em outubro”, diz o jornal. •

ANITTA ANUNCIA APOIO A LULA

A cantora brasileira, maior estrela do pop nacional, declara voto na candidatura do petista nas eleições presidenciais de outubro e chacoalha a internet. O ex-capitão do Exército sentiu o golpe

De onde ninguém esperava, a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República ganhou um apoio de peso. A cantora Anitta – a maior e mais importante estrela da música pop brasileira – anunciou na terça-feira, 12, que vai votar em Lula e declarou que está disposta a ajudar a campanha da chapa do movimento Vamos Juntos pelo Brasil na internet.

“Não sou petista [Partido dos Trabalhadores] e nunca fui. Mas este ano estou com Lula e quem quiser minha ajuda para fazer ele bombar aqui na Internet, tik tok, Twitter, Instagram é só me pedir que, estando ao meu alcance e não sendo contra lei eleitoral, eu farei”, escreveu a rainha do pop na sua conta no Twitter.

A cantora tem mais de 62 milhões de seguidores só no Instagram. Ela disse que o anúncio aconteceu na sequência do homicídio de Marcelo Arruda, ocorrido no domingo, 10, quando um apoiador do governo Bolsonaro invadiu a festa de aniversário, matando-o a tiros, num crime claramente feito por motivação política, apesar do que disse a Polícia Civil do Paraná.

“Se não houvesse uma morte envolvida neste caso do 'apoiador' de Lula que foi atacado por um bolsonarista eu diria que a burrice dessas pessoas chega a ser engraçada. Mas não. É apavo-



rante”, escreveu Anitta. E acrescentou: “Mas a postura extremamente agressiva e antidemocrática dessa gente não me deixa outra opção. É Lulalá... seus burros, agressores, autoritários e violentos”.

A cantora vestiu a camisa de Lula: “A partir deste momento eu sou Lulalá primeiro turno. E lutarei por uma novidade na

política presidencial brasileira nas próximas eleições”. Lula reagiu à manifestação de apoio: “Vamos juntos envolver o Brasil!”, escreveu no Twitter, em referência à canção “Envolver”.

Principal adversário de Lula, Bolsonaro acusou o golpe e mostrou que ficou incomodado com a declaração de apoio de Anitta. Em conversa com repórteres em Vitória do Mearim, no Maranhão, Bolsonaro buscou desqualificar a cantora, que declarou voto em Lula. “Essa é a Anitta, que tem uma influência sobre jovens. Tem, a gente reconhece. E o que eu faço com os jovens da Anitta? Eu estou garantindo a liberdade de vocês”, disse.

Bolsonaro disse que defender o uso da erva é o máximo que a funkeira consegue. “Vi a Anitta cobrando do Lula, né? Tô te dando o maior apoio. Libera a maconha aí, Lula! É o limite dela, né?”

O anúncio de Anitta ganhou repercussão internacional. O jornal argentino *Hoy* publicou a notícia incluindo a resposta de Lula à cantora no Twitter. O mexicano *24 Horas – El Diario sin Límites* – reforça a influência de Anitta nas redes sociais. São 20 milhões de seguidores no TikTok. Até o diário americano *Washington Post* abordou a tomada de lado da cantora numa eleição bastante polarizada, reforçando que a comunicação dela com os jovens é grande e terá impacto eleitoral. •



Divulgação

RETOMADA DO INVESTIMENTO

Responsável pela garantia de comida no prato do brasileiro, a agricultura familiar foi desmontada pelo governo Bolsonaro, que cortou recursos para o setor e optou pelo grande agronegócio

DESAFIOS NA AGRICULTURA

Seminário Vamos Juntos pelo Brasil trata da mudança na política agrícola com foco na sustentabilidade para enfrentar a fome. E garante a participação popular no orçamento federal

O movimento Vamos Juntos pelo Brasil continua tratar de temas vitais para a construção da política de um eventual governo Lula. Na última quarta-feira, 13 de julho, a série de debates Diálogos pelo Brasil discutiu os grandes desafios para a agricultura do país, defendendo mudanças na condução das políticas públicas para o setor de forma a enfrentar a fome no país. A questão de orçamento participativo também foi tema de outro debate.

“O que o mundo tem hoje de desafios é a produção de alimentos e a preservação ambiental”, lembrou o deputado Zé Silva (Solidariedade-MG), um dos convidados a participar do evento, juntamente com Aristides Santos, da Contag, sob a coordenação da de-

putada Lídice da Mata (PSB-BA).

Crescimento da pobreza em oposição às grandes produções para exportação, injustiças sociais e ambientais foram apresentados pelo deputado Zé Silva. Ele se mostra preocupado com a proliferação de assentamentos que ainda não têm documentação da terra. “Não têm segurança, não tem crédito, não pode produzir”, alertou.

Agricultor familiar do sertão pernambucano, Aristides Santos é presidente da Contag. Ele tem preocupação com a invisibilidade da agricultura familiar em oposição à produção de commodities pelas grandes corporações. As diferenças são grandes, a começar pelo uso de agrotóxicos pelos grandes produtores rurais frente à produção de alimentos saudáveis

pela agricultura familiar.

“A concentração da terra está muito grande, assim como a violência no campo. Este é o primeiro grande problema. As consequências são o aumento da fome e o êxodo rural”, alertou o sindicalista. “Não é sustentável qualquer política que não leve em conta essa grande concentração de terra. É só olhar os dados, estamos com a produção de feijão e arroz estagnada em 20 anos”, exemplificou, citando outros produtos da base alimentar brasileira.

O presidente da Contag alertou sobre a necessidade de enfrentar o modelo vigente, que desmontou as políticas públicas. Ele reclamou ainda a falta de investimento na agricultura familiar e a opção clara de Bolsonaro pelo agronegócio. Segundo o sindicalista, a

paralisação da reforma agrária cria grandes dificuldades. Ele defendeu que é preciso retomar a luta pela reforma agrária e enfrentar a questão da fome no país.

Reconstrução do país

Outro tema de debate da série Diálogos pelo Brasil foi o orçamento, ocorrido na quarta, 13. Um eventual governo Lula vai tratar de incluir a participação popular na formulação do orçamento federal, fazendo um contraponto direto à nova prática do Congresso Nacional, que instituiu com Jair Bolsonaro um “orçamento secreto”.

O debate contou as participações de Aloizio Mercadante, presidente da Fundação Perseu Abramo e coordenador do programa de governo da chapa Lula-Alckmin, Daniel Almeida, Julia Marinho Rodrigues, Roseli Faria, José Celso Cardoso Júnior, Edmilson Rodrigues e Alexandre Navarro.

“Vivemos um momento de destruição e estamos dedicados a reconstruir”, apontou Mercadante, em sua participação, logo na abertura do evento. “Estamos debruçados em propostas de impacto e esse programa vai inspirar a reconstrução do país, devastado pelo Bolsonaro”.

Ele defendeu que o programa de governo deve nortear o orçamento futuro, mas os desafios não serão fáceis. “Te, essa ortodoxia de controle, a que fez surgir a PEC 95”, disse, referindo-se à aprovação do teto dos gastos pelo governo Temer, ainda em 2016. “Temos que construir novas regras e a política econômica tem que ter credibilidade, sustentabilidade fiscal, e hoje não temos isso”, advertiu.

Mercadante mencionou as armadilhas fiscais para o ano que

PARTICIPAÇÃO POPULAR

Aloizio Mercadante e participantes do evento que tratou das formas de inclusão popular no orçamento da União. Sem segredos para o povo

vem e que são motivo de preocupação. “R\$ 330 bilhões de reais, no mínimo, já no começo do novo governo, num quadro fiscal muito distorcido e com o controle do orçamento secreto nas mãos do presidente da Câmara”, destacou o economista. “Não temos capacidade de investimento e, portanto, de gerar desenvolvimento. Essa multidão passando fome precisa entrar no orçamento, como disse o presidente Lula”.

Para Claudio Puty, do Psol, todo problema começa com o teto de gastos. “Quando aprovaram aquela lei absurda, de ataque aos povos, desorganização do processo orçamentário brasileiro e pelo neoliberalismo geraram a emenda de relator, que une corrupção, retirada de recursos da saúde e educação para colocar na mão de forma obscura de deputados que apoiam o governo”, destacou.

Pesquisadora do Idesc, Julia Rodrigues acredita que o uso de emendas é prática em vários legislativos pelo mundo. “Mas aqui no Brasil foi estabelecido ‘um piso’. Em 2019, durante um período de instabilidade, começou o uso de emendas para centralizar negociações”, destacou. “As emendas de relator têm funcionalidade para o nosso presidencialismo, que recupera um instrumento para fazer a gestão de sua base, e com isso estão desorganizando toda política orçamentária”.

Ele lembrou que falta critério e transparência, inclusive entre os

parlamentares. A solução será a adoção do orçamento participativo. “Temos que avançar na participação social e definir quais instrumentos, que tipo de participação seria, em qual etapa do ciclo. Temos que pensar em múltiplas estratégias e inovar”, defendeu.

“Estamos diante de um caso inédito de fraudes, seletivas. Um esquema engenhoso, com fraude e participação do Ministério da Saúde na formatação de números fora da realidade”, denunciou Daniel Almeida, representando o PCdoB. “Isso contamina toda tramitação orçamentária, a eficácia da aplicação de políticas públicas, espalha-se por todo país uma rede de corrupção acobertada pela certeza da impunidade diante do orçamento secreto”.

Segundo ele, o que esperamos é que, com a vitória de Lula-Alckmin, será possível consiga encontrar caminhos que tenham controle social, participação da sociedade e aprimoramento de políticas públicas. “O orçamento deve ser uma alavanca para o desenvolvimento e não facilitar corrupção e crimes. Tirar dinheiro da saúde é criminoso”, lamentou.

A plataforma Juntos Pelo Brasil, iniciou a série “Diálogos pelo Brasil” para avançar no processo de construção programática. Para contribuir e acompanhar os debates, que estão sendo transmitidos pelo YouTube, é só entrar no site programajuntospelo-brasil.com.br.

Divulgação/FPA





O MÉDICO É O MONSTRO Anestesiista, Giovanni Quintella Bezerra atacava as vítimas na sala de parto

TERROR NA SALA DE PARTO

O caso do médico Giovanni Quintella Bezerra, preso por estuprar pacientes fortemente sedadas, choca o Brasil e serve para a sociedade repensar em maneiras de coibir a violência sexual

Bia Abramo

Se há uma coisa que o machismo e a misoginia, este casal que parece ter se juntado para tornar a vida das mulheres um inferno, produzem com facilidade são culturas de violência. Na segunda-feira, 11, as mulheres do Brasil se depararam com mais um caso estarrecedor: foi preso em flagrante no Rio de Janeiro o médico Giovanni Quintella Bezerra. Ele é acusado de estupro contra uma parturiente.

O método do criminoso era simples, descarado: a paciente de cesárea ficava isolada, desa-

companhada e totalmente sedada para que ele estuprasse justamente no momento que a OMS chama de "hora dourada". Nos partos normais ou cirúrgicos humanizados, definem-se assim os minutos imediatamente depois que a criança sai do útero e é colocada no colo da mãe, enquanto as equipes de saúde finalizam o parto em si: esperam a expulsão da placenta ou a retiram, dão pontos caso seja necessário etc. É uma maneira de criar o vínculo mãe-bebê, essencial neste começo de vida para o que nasce. Em geral, opta-se pela anestesia raquidiana, que impede que a paciente sinta a dor da cirur-

gia, mas permite que ela esteja atenta e consciente.

Enfermeiras e técnicas de enfermagem de um dos hospitais onde Quintella dava plantão há alguns meses começaram a desconfiar de Bezerra pelo uso de roupas cirúrgicas grandes e compridas,. Além disso, ele dispensava o/a acompanhante muito rapidamente e usava uma quantidade anormal de sedativos.

Incomodadas com esses indícios e estranhando também a movimentação corporal de Bezerra durante as cirurgias, as enfermeiras esconderam um celular em um armário com porta de vidro coberto de insulfilm para gravar a cena, certamente

cientes de que, sem provas concretas, de nada valeria denunciar o caso. No caso das profissionais de enfermagem, ainda há o peso de várias assimetrias na relação com os profissionais de medicina.

Preso na madrugada de segunda, Quintella passou a ser investigado por estupro de vulnerável. Ao longo do dia de sua prisão, outras vítimas apresentaram-se à polícia a depor. Até o fechamento desta edição, há pelo menos seis casos de outras mulheres que teriam sido vítimas do anestesista. Todas pelo mesmo método: excesso de sedação, roupas largas e compridas para ocultar os movimentos e isolamento visual do resto da equipe, com a dispensa antes do tempo de acompanhante.

Além de ser um estuprador e abusador, Quintella parece ter um gosto especial por deixar mais ou menos evidente seu comportamento violento. Oculta, mas se coloca numa situação em que também exhibe, como se tivesse certeza da impunidade ou, no mínimo, da cumplicidade de seus pares.

É como se ele organizasse o ato, contando com o fato de que outros homens presentes fariam vista grossa ou não se importariam com uma “oportunidade” que, talvez, ele se sentisse um otário em não aproveitar, supondo que qualquer outro homem em sua situação faria o mesmo.

Muitos o fazem. No ano passado, 30.553 meninas de até 13 anos foram estupradas, de um total de 66.020 casos de estupro e estupro de vulnerável, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. O documento é elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que faz o levantamento a partir dos registros de ocorrência em delegacias.

Para os crimes de estupro em geral, houve aumento de

4,2% em relação a 2020. Crianças e adolescentes até 13 anos, incluindo gênero feminino e masculino, representam 61,3% do total de vítimas – em 2020, o índice foi de 60,6% e, em 2019, de 57,9%. O crime de estupro é classificado como estupro de vulnerável nas situações em que a vítima tem menos de 14 anos ou não pode consentir nem oferecer resistência, como no caso das parturientes submetidas a forte sedação.

Pode-se tranquilamente falar em uma cultura do estupro, diante dessas estatísticas. Este tipo de violência sexual, que costuma ocorrer com mulheres na proporção de 9 de 10 casos, pressupõe que há uma prevalência do desejo sexual masculino sobre seu objeto e, pior, que o não-consentimento é um detalhe a ser resolvido à base da força física bruta, da ameaça verbal e/ou da intimidação.

As culturas machistas e o ambiente patriarcal, ainda que operem de formas mais brandas ou melífluas, reforçam a ideia de submissão e de anuência feminina diante dos imperativos e urgências masculinas. O já longo caminho percorrido por movimentos feministas e de mulheres até se desnaturalizar a violência e o assédio ainda tem muito que brigar para que a cultura do estupro deixe de operar tão à vontade.

A frieza e falta de reação de Quintella quando foi preso em flagrante, fato registrado pela equipe da delegada Bárbara Lomba, no Hospital da Mulher Heloneida Studart, em São João do Meriti (RJ), cujo vídeo circulou amplamente pelos telejornais e pelas redes sociais, corroboram essas suspeitas. O médico, como muitos criminosos em série, planejava com cuidado seus passos e não tinha menor traço de empatia por suas vítimas. Neste mo-

mento, Quintella está em prisão preventiva e foi transferido para Bangu 8, enquanto seguem as investigações.

Não deixa de ser uma ironia pavorosa que o estuprador tenha escolhido justo um hospital que leva o nome de Heloneida Studart, uma feminista com militância que se estendeu por mais de cinco décadas.

Escritora e ensaísta, a cearense nascida em 1932 chegou ao Rio de Janeiro nos anos 1950, deslanchou a carreira de jornalista num dos períodos mais interessantes da imprensa carioca. Da geração pioneira do feminismo da década de 1960, fundou o Centro da Mulher Brasileira, ao lado de Rose Maria Muraro.

Preso em 1969, Heloneida retomou a militância interrompida em 1964, quando o Partido Comunista Brasileiro foi colocado na clandestinidade. Na redemocratização, a partir de 1978, ela cumpriu seis mandatos como deputada estadual pelo Rio de Janeiro, o último integrando a bancada do PT.

Será necessário esperar o final das investigações para apurar se o hospital foi negligente, como tenta provar o advogado de uma das vítimas. Ou, pior: se colegas médicos foram coniventes com as práticas sexualmente abusivas. Igualmente imprescindível que mulheres e movimentos sociais feministas fiquem atentos ao processo judiciário que se seguirá para que o criminoso seja punido no rigor da lei, uma vez que, em muitos casos, alivia-se a pena do estuprador sob os pretextos mais esdrúxulos ou, pior, nem mesmo são considerados culpados. Afinal, num país em que a violência contra a mulher e os feminicídios são tratados como corriqueiros, há uma mentalidade de que “alguma a mulher fez para ser estuprada”. •



Reprodução

VERGONHA NACIONAL Supermercados da periferia de São Paulo começaram a vender restos de frio, carcaça e pele de frango. É a crise

CARCAÇA À VENDA

Os sinais da fome e da miséria se alastram pela periferia de São Paulo. Supermercados se adaptam aos novos tempos e vendem restos de frios, carcaça e pele de frango. A culpa é de Bolsonaro

Os sinais de agravamento da miséria crescem por todo o país, mas estão mais evidentes na periferia de São Paulo, mostrando quanto o povo está pagando pelo desgoverno Bolsonaro. Na quarta-feira, 14, a Folha de S. Paulo trouxe reportagem da Agência Mural, mostrando que supermercados estão comercializando pontas de frios –bandejas com restos de queijo e presunto–, carcaça e pele de frango.

No Capão Redondo, na zona sul de São Paulo, vende-se o chamado “feijão fora do tipo”, composto por 70% de grãos inteiros e 30% feijão partido. A venda é au-

torizada desde que esteja identificado, “cumprindo as exigências de marcação e rotulagem”. Ainda assim, o produto não é barato. O custo é de R\$ 8,48.

No Grajaú, também na zona sul da capital, mercados e açougues estão vendendo carcaça e pele de frango em sacos plásticos e bandejas. No mercado Fonte Nova, em Guarulhos, na Grande São Paulo, uma caixa de leite varia de R\$ 8 a R\$ 10. Por ali, subprodutos como soro de leite e misturas condensadas se tornaram a alternativa mais barata, ao custo de R\$ 7.

Dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

(Penssan) mostram que, atualmente, 33 milhões de brasileiros passam fome e 125 milhões – mais da metade de habitantes do país – enfrentam algum grau de insegurança alimentar. Levantamento do Datafolha aponta que 85% dos entrevistados diminuíram o consumo de algum alimento em 2021. Desse total, 67% reduziram o consumo de carne vermelha.

“Falta comida no prato, a procura de emprego só aumenta. O povo merece respeito”, critica o senador Rogério Carvalho (PT-SE). Outro colega de bancada do PT também responsabiliza o Palácio do Planalto. “A disparada da fome e da inflação no governo Bolsonaro obrigaram a população a mudar os hábitos alimentares”, lamenta o senador Humberto Costa (PT-PE). “Os brasileiros estão comendo menos e comendo pior”.

Com mais de 15 milhões passando fome no Brasil, cresce o número de pessoas que se alimentam de produtos como carcaça e pele de frango comprados ou obtidos por doação. “Comer pé, carcaça, aqui em casa tá sendo luxo quando tem. Nem ovo a gente pode comprar mais, porque tá caro”, relata Ionara Jesus, moradora de São Paulo (SP), à reportagem da Agência Mural.

Jorge Toquetti, diretor-geral da ONG Banco de Alimentos, diz que a ONG aproveita alimentos que iriam para descarte por terem perdido características comerciais, como frutas deixadas de lado em supermercados.

Rodrigo Afonso, diretor-executivo da ONG de combate à fome Ação da Cidadania, diz que o consumo de produtos comumente descartados, como carcaça e pele de frango, já fazia parte da rotina de dezenas de milhões de brasileiros, que recorrem a esse tipo de alimentação para colocar alguma proteína na mesa. •

ATAQUE À SOBERANIA NACIONAL

Ato em Brasília reúne petroleiros, sindicalistas, parlamentares da oposição e representantes da sociedade civil contra a venda da companhia e em defesa das empresas estatais. “A estratégia do governo Bolsonaro é ferrar a Petrobrás”, denuncia Jean Paul Prates

Petroleiros de todo o país lotaram na terça-feira, 12, o auditório Nereu Ramos, no Senado Federal, em defesa da Petrobrás, das empresas estatais e para denunciar o ataque à soberania nacional promovido pelo governo Bolsonaro. Líderes sindicais, representantes da sociedade civil e da oposição defenderam o resgate do Sistema Petrobrás e o fortalecimento das empresas estatais e do serviço público.

“A estratégia do governo é para ferrar a Petrobrás”, denunciou o senador Jean Paul Prates (PT-RN), presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Petrobrás. “O problema do governo é com a Petrobrás, que eles querem entregar de qualquer jeito. Há países que invejam o Brasil por conta da Eletrobrás e da Petrobrás, mas nós vamos recuperar o controle estatal”.

O senador destacou que o governo Bolsonaro professa uma ideologia ao tentar entregar o patrimônio público, que é vital para o desenvolvimento do Brasil. “É uma questão ideológica sim, achar que o Brasil não precisa de uma empresa nacional de petróleo, o mercado resolve tudo”, disse.

“Agora estamos diante de um outro grande desafio, uma realidade onde somos o líder: a transição energética”, lembrou Jean Paul. “Mas isso é graças ao modelo que nós adotamos, que faz que o Brasil tenha a matriz mais limpa das maiores econômicas do mundo e esses caras dizem que é ruim”. Assim como o líder da Minoria no Se-

Sindipetro RJ/Divulgação



PRESSÃO No Auditório Nereu Ramos, no Senado, petroleiros participam de ato em defesa da Petrobrás, das empresas estatais e do serviço público

nado, dirigentes da FUP também criticaram o Palácio do Planalto.

“O governo Bolsonaro vendeu a BR Distribuidora, a Liquigás, a Gaspetro, os nossos gasodutos. Todo esse sistema precisará ser retomado para termos preços justos para a população brasileira e garantirmos o abastecimento nacional”, afirmou o coordenador geral da Federação Única dos Petroleiros (FUP), Deyvid Bacelar.

O sindicalista ainda destacou a importância da Petrobrás retomar as fábricas de fertilizantes nitrogenados, que foram vendidas após o Golpe de 2016, que tirou Dilma Rousseff da Presidência da República por meio de um impeachment fraudulento. “É inadmissível nós termos um Brasil que importa de 85% a 90% de todos os fertilizantes

que necessita”, denunciou.

“Estamos aqui para dizer a Lira que ele e o governo federal irão enfrentar a maior greve da história da categoria petroleira, se tiverem a ousadia de tentar privatizar a Petrobrás”, anunciou Bacelar, alertando o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, e avisando sobre a determinação de greve, aprovada em diversas assembleias da categoria petroleira entre junho e julho em diversos estados.

O ato foi organizado pelas Frentes Parlamentares Mistas de Defesa da Soberania Nacional, Defesa da Petrobrás e Defesa do Serviço Público, e mais os sindicatos que integram a Federação Única dos Petroleiros (FUP) e a Federação Nacional dos Petroleiros (FNP). •



Sergel Gapon/AFp

FALASTRÃO Bolton confessou atuar para derrubar governos de outros países

UM FALCÃO CÍNICO

Ex-assessor de Donald Trump admitiu à CNN que ajudou a planejar golpes de Estado contra outras nações, inclusive a Venezuela. Mas negou que o ex-chefe tenha ameaçado democracia dos EUA

A política internacional dos Estados Unidos nunca foi tão cínica. Para tentar livrar Donald Trump das acusações de ter tramado um golpe contra a democracia americana e suas instituições, o ex-assessor de segurança nacional da Casa Branca John Bolton acabou falando demais. Em entrevista ao jornalista Jake Tapper, que apresenta o programa 'The Lead', na CNN, Bolton afirmou ter experiência em orquestrar golpes de Estado, em outras nações, e disse haver uma diferença entre o que se passou em solo americano e o que ocorreu na Venezuela.

Tapper argumentava que "não é preciso ser brilhante para tentar um golpe", o que motivou a resposta de Bolton sobre ter experiência com o tema. "Como alguém que ajudou a planejar golpes de Estado – não aqui, mas, você sabe, em outros lugares – é preciso

muito trabalho, e não foi isso que (Trump) fez", disse.

O ex-braço direito de Trump disse que é um "erro" acreditar que o ataque de 6 de janeiro de 2021 ao Capitólio foi parte de um "golpe de Estado cuidadosamente planejado" por Trump. "Não é assim que Donald Trump faz as coisas", disse. "É uma divagação de um lado, uma ideia vaga do outro, um plano que cai e outro surge – era isso que ele estava fazendo". Segundo Bolton, o episódio do Capitólio foi apenas mais um exemplo de "Donald Trump cuidando dos interesses de Donald Trump". "É algo que ocorre uma vez na vida", disse.

Bolton foi questionado se o ex-presidente era capaz de ouvir "não" de seus conselheiros – já que havia sido alertado que era ilegal tentar reverter a eleição. O ex-assessor de segurança da Casa Branca respondeu que Trump "não ouve ninguém". Depois de afirmar que as alegações do ex-

-presidente de que era vítima de fraude eleitoral eram indefensáveis, Bolton disse que era errado achar que o episódio havia sido planejado.

O *Washington Post* se surpreendeu com a franqueza do ex-assessor da Casa Branca. "Os comentários de Bolton são inco-muns, já que as autoridades dos Estados Unidos geralmente evitam usar o termo 'golpe' ao falar sobre assuntos de política externa. As observações se tornaram virais, com um corte no Twitter que tinha mais de 2 milhões de visualizações no início desta quarta-feira, 13", apontou o repórter Julian Mark.

Durante a entrevista, Tapper retomou o assunto e pressionou Bolton a elaborar sobre sua "experiência em golpes planejados", perguntando se eles eram "golpes bem-sucedidos". Bolton disse, em meio a risos, que não entraria em detalhes, mas respondeu que em seu livro de memórias de 2020 ele escreveu sobre o apoio dos EUA a uma tentativa malsucedida de derrubar o presidente Nicolás Maduro em 2019.

"Não que tivéssemos muito a ver com isso", disse Bolton, "mas eu vi o que era preciso para uma oposição tentar derrubar um presidente eleito ilegalmente, e eles falharam". As declarações de terça-feira foram um desvio das declarações anteriores de Bolton sobre a Venezuela. "Isso claramente não é um golpe", disse em 2019.

Bolton atuou como conselheiro de segurança nacional de Trump por 17 meses antes de um rompimento turbulento em 2019. Antes disso, ele ocupou um papel importante no controle de armas durante o governo de George W. Bush e atuou como embaixador nas Nações Unidas em 2005 e 2006. Ele é tido pela imprensa como um dos mais ferozes falcões do Partido Republicano. •

“A DESIGUALDADE É O PROBLEMA”

Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai vê com bons olhos o novo momento da política na América Latina e se diz otimista com a volta de Lula à Presidência do Brasil. “Ele vai tentar ajudar um pouco mais os setores mais deprimidos do Brasil”, diz

Santiago Carbone | EFE

Enredada. É assim que o ex-presidente do Uruguai José Mujica (2010-2015) vê a América Latina, uma região que tem “uma grande dívida social” e na qual existe uma tendência “a acentuar a desigualdade”. “Tem problemas de fundo. É o continente que pior distribui a renda e a riqueza. E isso não é de hoje. É um patrimônio histórico”, garante em entrevista à agência EFE na fazenda onde mora com a esposa, a ex-vice presidente Lúcia Topolansky.

Nesse sentido, Mujica fala da situação que vários países do continente atravessam e dos desafios que se avizinham num tempo não muito distante, num ano de eleições e mudanças de governo nas principais nações do continente.

Em particular, o ex-presidente fala sobre a situação do Brasil e da Colômbia, onde já começou uma campanha agressiva para as eleições presidenciais de outubro, nas quais o atual presidente Jair Bolsonaro enfrentará o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Mujica está atento às eleições que o Brasil vivenciará em outubro deste ano e destaca que a candidatura de seu amigo Lula da Silva “está indo muito bem”. “Ele nunca vai deixar de ser um sindicalista, ou seja, um reparador de erros e talvez possa fazer bem ao Brasil no sentido de baixar um pouco os decibéis em termos de confronto interno”, enfatiza.

Mujica reconhece que não será fácil para Lula devido ao tamanho

Agência EFE



do Brasil e ao número de estados que o país possui, o que significa que cada negociação terá “derivações infinitas”.

“O que vai ser diferente na política de Lula, já posso dizer: ele vai tentar ajudar um pouco mais os setores mais deprimidos do Brasil, mas não devemos esperar que Lula faça uma proposta radical, que vai virar o Brasil de cabeça para baixo, ou algo assim”.

Ele também se diz esperançoso sobre o novo momento da Colômbia, cuja história política é marcada por violência. “Paz. Na Colômbia o primeiro problema é a paz”, diz Mujica ao ser questionado sobre os desafios que Gustavo Petro terá pela frente. Ele tomará posse como novo presidente daquele país em 7 de agosto, após vencer o segundo turno em 19 de junho das eleições presidenciais.

Mujica diz que, na história da

Colômbia, existe “uma cultura de grande violência” e que espera que o novo presidente “a supere com o povo”. Apesar da afirmação de que Petro será o primeiro presidente de esquerda do país, Mujica garante que houve outros no passado, embora reconheça que será o primeiro “definitivamente de esquerda”.

O novo presidente da Colômbia integrou a guerrilha – o Movimento 19 de abril –, como o próprio Mujica que foi do Movimento Tupamaros de Libertação Nacional em seu país. Apesar disso, Mujica não encontra muitos pontos em comum entre sua figura e Petro. “Ele é mais jovem. É economista e eu sou *paisano*. Temos preocupações políticas mas, estamos em outra época. Ele pertence à civilização digital, eu não, sou um dos que escreve ao lado o livro”, diz. •

Ricardo Stuckert

Outras datas históricas

18/07/1918: Nascimento de Nelson Mandela em Mvezo, na África do Sul. Ele viria a se tornar advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, e é considerado o mais importante líder da África Negra, vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1993.

16/07/1920: Nasce em Pombal, na Paraíba, Celso Furtado. Ele se tornaria economista e um dos mais destacados intelectuais do país ao longo do século 20. Suas ideias sobre o desenvolvimento econômico e o subdesenvolvimento enfatizavam o papel do Estado na economia, com a adoção de um modelo de desenvolvimento econômico de corte pré-keynesiano.

20/07/1925: Nascimento de Frantz Fanon, filósofo, militante do movimento negro, autor de "Pele Negra, Máscaras Brancas".

17/07/1929: Nasce, em São Paulo, Perseu Abramo. Sociólogo, professor e jornalista brasileiro.

19/07/1941: Nascimento de Joel Rufino dos Santos, no Rio de Janeiro. Historiador, professor e escritor brasileiro, foi um dos nomes de referência sobre o estudo da cultura africana no país.

17/07/1942: Nasce em Aracaju (SE), Maria Beatriz Nascimento. Historiadora, professora, roteirista, poeta foi ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres brasileira.

16/07/1949: Nascimento de Gilson Menezes, em Miguel Calmon (BA), que viria a se tornar líder sindical e político. Foi o primeiro prefeito eleito do PT, quando venceu as eleições de 1982 para a prefeitura de Diadema.

15/07/1978: Realizado em Salvador, na Bahia, o Congresso dos Petroleiros, com a proposição de criação de um partido dos trabalhadores.

19/07/1979: Eclode na Nicarágua a Revolução Sandinista, revolução popular, sob a égide da Frente Sandinista de Liber-



16 de julho de 2008

LULA INSTITUI PISO NACIONAL DO MAGISTÉRIO

Uma grande conquista para a educação brasileira: o presidente Lula sanciona em 16 de julho de 2008 a lei do piso salarial nacional para professores de escolas públicas da educação básica. O piso salarial passou a determinar o valor mínimo que devem receber os professores em início de carreira, válido para todo o país.

A medida veio ao encontro da Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 206 estabelece a valorização dos profissionais do ensino como um dos princípios da educação, garantindo-lhes planos de carreira para o

magistério público, com piso salarial profissional e ingresso por concurso público.

Calculado com base no valor anual mínimo por aluno referente aos anos iniciais do ensino fundamental urbano – percentual instituído pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) –, o piso nacional permitiu corrigir discrepâncias entre os salários pagos a professores em diferentes estados, tendo a União a prerrogativa de intervir para garantir o cumprimento da lei.

tação Nacional (FSLN). A revolução pôs fim a uma ditadura instaurada no país desde 1936, ao depor o presidente Anastasio Somoza. A FSLN foi o primeiro movimento que aliou o cristianismo de libertação e o marxismo, e governou o país por onze anos.

21/07/1980: Assassinato de Wilson de Souza Pinheiro (1933-1980), presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileira, no Acre.

17/07/1986: Criação do Instituto Cajamar (INCA), destinado à formação sindical e política.

15/07/2008: A Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira passam a ser consideradas bem cultural brasileiro, registrados pelo Iphan. Em 2014, a Capoeira receberia título de Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

15 de julho de 2010

MIGRANTE VOLTA PARA O NORDESTE

Estudo do IBGE mostra o Nordeste como a região com mais migrantes voltando às suas cidades de origem, intensificando fluxos iniciados na década de 1990. Além disso, diminuiu o número de nordestinos que emigravam para as demais regiões, com o declínio do potencial atrativo do Sudeste e o aumento da migração intraregional, com destaque a novos centros de desenvolvimento no interior, como os pólos de confecções do Agreste Pernambucano e de fruticultura do Vale do São Francisco.

As migrações internas no Brasil caíram 37,5% entre 2001 e 2009. Marca dos governos Lula, o fenômeno se explica pelo modelo de crescimento baseado no desenvolvimento regional, nas ofertas de emprego espalhadas pelo país e na multiplicação de pólos econômicos e industriais, especialmente no Nordeste. Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte e Paraíba foram os estados nordestinos com maior retorno de migrantes, com índices superiores a 20%.

Na primeira década dos anos 2000, o Nordeste passou por intenso desenvolvimento econômico e social, com ampliação do acesso a serviços e equipamentos públicos, aumento da expectativa de vida, urbanização de cidades médias, promoção de políticas de enfrentamento da seca e elevação da renda, num ritmo 65% superior à média nacional.



20 de julho de 2010

BRASIL GANHA O ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL

O presidente Lula sanciona, em 20 de julho de 2010, a Lei do Estatuto da Igualdade Racial, destinada a combater a discriminação racial e efetivar a igualdade de oportunidades à população negra com políticas nas áreas da educação, cultura, lazer, saúde e trabalho. Com isso, também se assegura às comunidades quilombolas e aos povos de matriz africana o direito de preservar suas manifestações culturais e religiosas.

O Estatuto, síntese das demandas históricas do movimento negro, alterou a abordagem legal do racismo, deixando de ser meramente punitiva para envolver uma série de ações de promoção de direitos. O texto ainda incluiu incentivos a atividades produtivas rurais de comunidades quilombolas, com linhas especiais de fi-

nanciamento público; a definição da capoeira como esporte; e a garantia de assistência hospitalar em instituições de caráter religioso a adeptos de religiões de matriz africana.

O projeto de lei, de autoria do senador Paulo Paim (PT-RS), vinha tramitando no Congresso Nacional havia quase uma década. Ao longo desse processo, foram removidos os artigos que estabeleciam cotas raciais e incentivos fiscais para contratação de funcionários negros, o que era alvo de críticas por parte da sociedade civil.

As futuras leis de cotas em universidades federais e no funcionalismo público federal vieram mais tarde, como desdobramentos das discussões e da articulação que levaram à construção do Estatuto.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br



MÚSICA

NICK DRAKE E A BUCÓLICA IMORTALIDADE DE 'PINK MOON'

Gravada em duas noites no inverno de 1971 com apenas Drake ao violão, a curta obra-prima de canções sombrias e introspectivas do precoce compositor britânico completa 50 anos reverenciada por gerações de artistas

Fernando Brasil

O receio de fechar as portas da vida sem um aplauso ou um verso transformado em lema para ser impresso nas costas da posteridade é um fantasma que assombra músicos desde sempre. Assim viveu e morreu Nick Drake, um homem sensível às fragilidades e infortúnios da aventura humana e cuja arte não foi apreciada devidamente enquanto, em breves 26 anos de existência, o compositor inglês produziu brilhantes poemas musicados. Drake morreu prematuramente no final de 1974, vítima de uma overdose de medicamentos para a depressão, doença que o perseguiu por toda a vida. Dois anos antes, deixava sua obra definitiva para as gerações futuras, *Pink Moon*, que completou neste ano cinco décadas, desde sua gravação em um cinzento inverno inglês no final de 1971.

Se tivesse como prever o futuro, Nick Drake poderia respirar aliviado quanto à longevidade de sua criação. Apesar do fracasso retumbante em vendas – tanto *Pink Moon*, quanto seu antecessor, *Bryter Layter*, venderam menos de 5 mil cópias quando foram lançados –, o álbum se tornaria, paulatinamente ao longo dos anos, uma referência para gerações de compositores e bandas, do folk americano ao indie rock da ilha onde cresceu. E despertaria curiosidade e ampla admiração por todos os aspectos de sua efêmera passagem pela vida, duramente marcada pelo fracasso comercial.

O mundo não é mesmo justo. Mas o próprio desgosto de Drake com o insucesso de seus álbuns anteriores, tecnicamente mais bem produzidos, pavimentaram o caminho para a genialidade *Pink Moon*. O álbum deve suas suas qualidades, em parte, além da originalidade na interpretação das músicas, à obstinação de Drake pelo minimalismo nos arranjos do disco. As onze canções que compõem *Pink Moon* são extrema-

mente enxutas – o álbum não dura meia hora –, foram gravadas em duas noites com o produtor John Wood e tiveram somente Drake ao violão e no piano da faixa-título.

Por trás da aparente simplicidade há, no entanto, uma introspecção sombria, contida, escondida na inocência bucólica de faixas como a própria *Pink Moon*, a instrumental *Horn* e *Things Behind the Sun*. Quando decidiu gravar o disco, apesar da relutância da própria gravadora Island, decepcionada com as baixas vendas de *Bryter Layter* e do disco de estreia, *Five Leaves Left*, Drake estava determinado a usar o mínimo de recursos do estúdio em que havia gravado os dois primeiros discos, até mesmo efeitos básicos como reverb e eco.

“Ele queria fazer um disco muito direto e pessoal”, declarou o produtor John Wood, em recente entrevista ao jornal britânico *The Guardian*. “Eu pensei, depois das primeiras músicas, que provavelmente aumentaríamos um pouco. Não muito, mas eu esperava que ele trouxesse Danny Thompson [contrabaixista que tocou nos primeiros álbuns] talvez”, relatou Wood. “Depois do segundo take, eu sugeri algo e ele apenas respondeu: ‘Não, é isso. Isso é tudo o que estamos fazendo.’ E foi isso”, resumiu o produtor.

De fato, os dois não precisavam mesmo de muito mais. O violão hipnotizante de Drake, que era um exímio instrumentista, afeito a explorações com intrincadas técnicas de dedilhado e afinações diferentes, chamadas em inglês de open tunings, somadas a sua voz tranquila e de curto alcance, tornam a audição de *Pink Moon* ainda mais desconcertantemente reflexiva.

Liricamente, Drake, que estudou literatura na Universidade de Cambridge, dedicando atenção especial ao poeta e pintor William Blake, acomodou suas percepções do mundo em evocativas imagens que abordavam sentimentos de inadequação social, instabilidade emocional, amores perdidos e o medo da morte.

Durante as sessões de *Pink Moon*,

Wood se deparou a execução da estranha e tristemente bela *Parasite*: “*Sailing downstairs to the Northern Line/ Watching the shine of the shoes [Navegando escada abaixo para a Linha Norte/ Observando o brilho dos sapatos]*”, diz um trecho da letra. “*E olhe direito e você poderá me ver no chão/ Pois sou o parasita desta cidade*”, arremata Drake, em tom de falsa calma. “Aí eu soube que esse disco seria diferente”, confessou Wood, ao jornal.

Há espaço também para o romantismo irresistível de *Which Will*, declaração de um Drake completamente rendido: “*Which will you go for/ Which will you love/ Which will you chose from/ From the stars above? [A quem você irá? Quem você amará? / Quem você escolherá / Das estrelas acima?]*”.

Quando gravou *Pink Moon*, Nick Drake tinha apenas 23 anos, o que torna a potência de seu trabalho ainda mais assustadora. Ele não era afeito a entrevistas e apresentações e se retirou completamente da vida pública até o trágico fim, no dia 24 de novembro de 1974. Após a silenciosa saída de cena, seus discos permaneceram congelados em uma espécie de limbo, esperando para serem devorados por ouvintes identificados com sua arte, o que começou a acontecer a partir da década de 80.

Do final da década de 90 em diante, já com o advento da internet, Drake ganhou impulso definitivo para integrar o rol dos grandes artistas da música contemporânea. E ganhou os fãs certos, com algumas décadas de atraso. De Robert Smith, do Cure, a Peter Dinklage, do R.E.M., passando pelos cantores Beck e Bon Iver, até bandas como Belle and Sebastian e Iron & Wine, a lista de artistas admiradores de Drake é extensa, tanto quanto seu fã clube, que cresce a cada dia de descoberta de sua obra, hoje atemporal.

“*Now we rise/ And we are everywhere [Agora ascendemos e estamos em todos os lugares]*”, como atestam os versos de seu epitáfio musical, *From the Morning*, a última faixa de sua obra máxima. •



O GRANDE ALVO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, atravessa multidão na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, para se entregar à PF em 7 de abril de 2018. Ele seria mantido preso pela Lava Jato durante 580 dias

'A TRAMA' REGISTRA O GOLPE URDIDO CONTRA O POVO

Série documental em seis episódios, disponível na Looke, VivoPlay e Claro+, retrata a sordidez que moveu a derrubada de Dilma, a prisão de Lula e a esperança trazida pela sua libertação

Isaías Dalle

Contar a história do tempo presente, alinhavando episódios recém-ocorridos dando-lhes algum sentido crítico, não é tarefa simples. No calor da hora, paira sobre os envolvidos direta ou indiretamente na ação uma espécie de cegueira situacional que tolda o entendimento. O documentário *A Trama*, produção em seis episódios disponíveis em plataformas

de streaming, pretende cumprir parte dessa tarefa, retratando os já longos nove anos situados entre o finais de 2014 e de 2019.

Numa ponta dessa linha do tempo encontramos um país que acabara de reeleger Dilma Rousseff presidente da República. Na outra, Lula, o principal personagem do documentário, é libertado após 580 dias numa cela em Curitiba. É sobre os estratagemas que tentaram retirá-lo da cena política que se debruça *A Trama*, que tem como subtítulo *A História*

da Prisão de Lula.

A complexidade de um registro histórico dessa natureza pode ser sentida pelo espectador ao final de cada episódio do documentário. Numa consulta simples a quem já assistiu, é comum ouvir testemunhos de esquecimentos sobre determinadas passagens do período, mesmo as mais sórdidas ou decisivas.

Detalhes apagados da memória seja pelo manancial desairoso do noticiário, que ao apoiar o golpe e a operação Lava Jato

produziu propositalmente confusão, seja por mecanismos do subconsciente, que procuram poupar a sanidade mental de quem vê tudo e se sente impotente.

Outra evidência da intrincada missão de documentar o período histórico que vivemos é a revelação, tantas vezes ignorada, de que o ódio e o desejo de vingança, tão criticados no outro, podem ser contagiantes. Há sequências em *A Trama* que suscitam esses sentimentos. Nada mais humano: é difícil não sentir engulhos quando a tela exibe passagens como a pregação em que Deltan Dallagnol, diante de uma plateia de fiéis evangélicos, afirma que a Lava Jato é uma missão divina. Ou quando revemos o candidato derrotado no segundo turno de 2014 prometendo guerra e perseguição.

O desfile de tipos movidos por razões que a própria história se apressa em revelar falsas encontra um elo involuntário com outra produção em cartaz no streaming, *Gaslit*. A série estadunidense, estrelada por Julia Roberts, é uma mistura de fatos com ficção e se situa no período que antecede a agonia do governo Nixon. A certa altura, a mesquinhez, a cafonice e a desonestidade dos personagens se alastram de tal forma que tudo parece uma grande caricatura. Porém, basta lembrar de quem ocupa a Presidência no Brasil para concluir que a realidade pode imitar a caricatura.

Mas o ódio não é bom conselheiro para a política, nem para a análise histórica. Eis um dos méritos do documentário, o de recolocar os acontecimentos na perspectiva necessária para que

não se perca esta quadra histórica no esquecimento ou na versão ligeira e inconsequente de grande parcela da imprensa. *A Trama* procura também um olhar menos apaixonado para retratar o período, embora, em alguns momentos, pareça destinado exclusivamente a torcedores do PT e a fãs de Lula.

A Trama foi dirigido pelo trio Carlinhos Andrade, Otávio Antunes e Vinícius Zanotti. As imagens

Montado entre 2020 e 2021, o documentário não entrevista seu principal personagem, Lula.

Mas Lula fala. Em trechos de entrevistas premonitórias concedidas de dentro da prisão, em discursos, em lágrimas vertidas sobre dona Marisa Letícia e o netinho Arthur. E surge, quase sobrenatural, como uma figura que parece imune à cegueira que atinge a maioria no olho do furacão. A presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, reconhece que, às vésperas da prisão do ex-presidente, após um longo período de perseguição implacável, ninguém ao redor tinha certeza do que fazer. É quando Lula decide se entregar, prometendo sua volta e a permanência das ideias que representa.

O povo também fala, no momento mais entusiasmante do documentário. A equipe de TV que captava imagens e depoimentos para a campanha de 2018 se vê, subitamente, na cidade piauiense de Guaribas, no dia em que Lula poderia ser libertado por decisão inesperada de um desembargador, em julho daquele ano. Guaribas é o primeiro município em que foi implementado o Bolsa Família. O que se vê entre os moradores é uma torcida apaixonada pela volta de Lula e sua possível candidatura, como se fosse final de Copa do Mundo com o Brasil em campo. •

Ficha técnica

A Trama - A História da Prisão de Lula
Produção: Lira Filmes e Pixys Produções Artísticas
Onde: Looke, Vivo Play e Claro+. Primeiro episódio gratuito. Os demais custam R\$ 4,90



foram colhidas de coberturas feitas pela própria equipe - Antunes e uma parte da produção trabalharam na campanha presidencial de 2018 -, de arquivos da Fundação Perseu Abramo, da internet e também de trechos da cobertura das principais emissoras de TV.

A linha narrativa é construída com entrevistas de dirigentes partidários, acadêmicos, jornalistas e outras testemunhas do período. Dilma é entrevistada em 2019, antes das revelações da Vaza Jato.

O QUE FAZER PARA ELEGER LULA PRESIDENTE DO BRASIL

Ameaças de golpe pairam sobre a Nação. E só há uma maneira de evitar essas graves ameaças à democracia: nossa mobilização! Faça um comitê na sua casa ou trabalho e ajude a salvar a democracia

Frei Betto*

Há muitas razões para votar em Lula para presidente. A principal é tirar Bolsonaro do Planalto e reconstruir o Brasil demolido por essa aliança milicianos-centrão-fundamentalistas religiosos-fanáticos neofascistas-elite gananciosa.

Não há que cantar vitória antes do tempo. Nada garante que Lula será eleito e, se eleito, que tomará posse. Ameaças de golpe pairam sobre a nação. E só há uma maneira de evitar essas graves ameaças à democracia: nossa mobilização!

O que fazer? Aqui enumero várias sugestões:

1. Em suas redes digitais, organize Comitês Lula Presidente. Contate 5 pessoas, cada uma delas formará outro Comitê de 5 pessoas, e assim se fará a multiplicação geométrica. Nesses contatos, mantenha informações que reforcem a candidatura Lula e enfraqueçam, sempre mais, as candidaturas dos que são apoiados por milicianos.

2; Evite formar comitê com muitas pessoas. Há o risco de se ficar no debate interno e não se



engajar em ações práticas e efetivas.

3. Dê ao seu comitê um nome simbólico: Chico Mendes, Margarida Alves, Luther King, Helder Camara, Vladimir Herzog, Tito de Alencar Lima etc.

4. Cada Comitê Digital deverá denunciar

as notícias falsas (fake news) e lembrar como o Brasil avançou nos 13 anos de governos do PT. Assinale as conquistas: combustível mais barato; cotas nas universidades; Luz para Todos; Minha Casa, Minha Vida; correção anual do salário mínimo acima da inflação; demarcação de terras indígenas; Comissão da Verdade; soberania nacional; Programa Mais Médicos etc.

5. Inclua na campanha eleitoral o candidato progressista para o governo do Estado, para o Senado, e candidatos a deputados federais e estaduais. Precisamos eleger a base parlamentar que dará sustentação do governo Lula no Congresso Nacional.

6. Abasteça de conteúdo seu comitê através do email: comitespopulares2022@gmail.com

7. Promova, por iniciativa de seu comitê, iniciativas lúdicas e esportivas Lula Presidente: com skates, bicicletas, motos e carros;

apresentações musicais nos bairros da periferia; debates políticos presenciais e nas redes; atos religiosos ressaltando como os mestres espirituais e as grandes tradições religiosas sempre defenderam a justiça e a paz.

8. Ignore provocadores e golpistas. Como aconselha Jesus no Evangelho de Mateus (7,6): “não joguem pérolas aos porcos”.

9. Anuncie o amor onde eles querem armas; paz onde querem conflito; respeito onde querem ódio; democracia onde querem ditadura; combate à desigualdade social onde querem tornar os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

10. Acesse e debata a Cartilha Projeto Popular para o Brasil: projetoBrasilpopular.org.

É hora de deixar de ser espectador(a) da conjuntura política e atuar intensamente para salvar a democracia brasileira, cujo resgate, após 21 anos de ditadura militar, foi pago com o preço da vida, do sangue e do sofrimento de toda uma geração heroica que não teve tempo de ter medo e fez derreter os anos de chumbo.

Salvemos a frágil democracia brasileira! •

* Escritor, autor de “Calendário do poder” (Rocco), entre outros livros. Livraria virtual: freibetto.org.br



**COMITÊ
POPULAR
DE LUTA**

Saiba como criar um comitê
pt.org.br



A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •
Fernando Haddad • Frei Betto
• Izabella Teixeira • João Manuel
Cardoso de Mello • Luis Nassif
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •
Marilena Chaui • Paulo Betti
• Rogério Cerqueira Leite •
Silvio Almeida • Tereza Cristina

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-o-fascismo/



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores